

Caio Porfírio Carneiro

MAIORES

maiores maiores maiores maiores
maiores maiores maiores maiores
e menores

maiores maiores maiores maiores
maiores maiores maiores maiores
maiores maiores maiores maiores

maiores maiores maiores maiores
maiores maiores maiores maiores
maiores maiores maiores maiores

A
Alfama
LDA

Em *Maiores e Menores*, Caio Porfirio Carneiro confirma as características de sua obra, apontadas pela crítica e pelos leitores: síntese, sutileza e sobriedade de linguagem.

Embora seja também romancista, poeta, novelista e crítico literário, foi no conto que Caio se firmou há muito como um dos mais importantes representantes do gênero, conforme o leitor terá a oportunidade de conferir neste seu novo livro.

Maiores e Menores reúne vinte contos com as características atrás apontadas e uma curiosa “Oração a Mim Mesmo”, em que o autor enumera os títulos dos contos, três mistérios e uma contrição, numa confissão abrangendo sua trajetória: parte da sua vida na fazenda Pau Caído, interior do Ceará; outra em Fortaleza, cidade em que o





escritor nasceu e completou sua formação; e finalmente em São Paulo, para onde se mudou em 1955, até hoje vivendo na Paulicéia.

Seus contos, inclusive parte dos constantes deste livro, espelham sua vivência nesses lugares com tipos, painéis e valores bem distintos.

A exemplo daquele rico universo de personagens regionais típicas descritas com sutileza em *Trapiá* (1961), seu livro de estréia, algumas delas parecem presentes em *Maiores e Menores*, como também deixaram marco em outras narrativas breves de Caio Porfírio como *Os Meninos* e *o Agreste* (Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras) e *O Casarão* (Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro).

Enfim, *Maiores e Menores* é obra-síntese de um dos melhores contistas surgidos no Brasil na década de 60, reafirmando este belo livro que o autor continua em pleno vigor criativo.

Antonio Possidonio Sampaio
escritor

... "Descruzou as pernas,
entrançou-as para o outro lado,
olhou o céu estrelado, sentiu que
o lobisomem lhe fugia da história
tão poeticamente iniciada.

As musas o salvaram

Pigarreou, cachimbou, leve,
etéreo, fumacinha espiralando
rumo às estrelas:

- O lobisomem fica para outro
dia. Falemos de poesia. Gostam
de poesia?" ...



Alpharrabio
EDIÇÕES

ISBN 85-88014-28-9



9 788588 014282 >

Apresentamos

Muito Maiores
Gênis da ditatória

Com a duração
estudo de

[Handwritten signature]

10/9/2003
MAIORES E MENORES

Quem com romance fero, com
língua de contos seu fero.

[Handwritten signature]

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

Maiores e Menores



Alpharrabio
Edições

2003

Copyright © Caio Porfírio Carneiro, 2003

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfírio
Maiores e Menores / Caio Porfírio Carneiro.
– Santo André, SP : Alpharrabio Edições, 2003

1. Contos Brasileiros I. Título.

03-3196

CDD-869.93

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Contos: Literatura brasileira 869.93

ISBN: 85-88014-28-9



Maiores e Menores
Caio Porfírio Carneiro

Projeto gráfico e diagramação
Fabricando Idéias
Capa: Isabela A. T. Veras

Alpharrabio Livraria e Editora Ltda
Rua Eduardo Monteiro, 151
09041-300 – Santo André – SP
Fone: (11) 4438.4358
www.alpharrabio.com.br
alpharrabio@alpharrabio.com.br

Alguns, tentei reduzi-los... em vão.
Alguns, tentei espichá-los... em vão.
Então fica o título: *Maiores e Menores*.

“Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao final do livro, vai este mesmo.”

Machado de Assis – *Dom Casmurro* – capítulo I – *Do Título*.

(Mestre Machado socorre qualquer um,
até contistas maiores e menores)

Aos amigos

Cyro de Mattos

Everaldo Moreira Vêras

Esdras do Nascimento

Jorge Tufic

Cláudio e Yó Limeira

Rosani Abou Adal

Aluysio Mendonça Sampaio

Erbe Firmeza

e para o contista

Machado de Assis (ele morreu?)

*M*inha definição de *conto* é semelhante a de todos os que o estudam e o definem e dos que, desde antanho, o estudaram e o definiram, ou seja: concordo com todos e discordo de todos, porque todas as definições são mais ou menos corretas e mais ou menos erradas.

O conto é conto quando conto é. Acabou. Digo tudo e não digo nada. O mais é o mais.

Meti-me nessa empreitada de escrever conto desde – sei lá, meu Deus – desde quando dei os primeiros passos no caminho das letras. Lembro-me de um conto que escrevi, nos meus treze ou catorze anos. Uma história meio infantil e meio idiota, que intitulei de “Chico Pebá”. Um assombro. Nem Tarzan ganharia de Chico Pebá. Os padres sacramentinos da Igreja de São Benedito, de Fortaleza, publicaram a minha “obra-prima” na revista *Orienta e Anima*, porque eu fora um bom aluno do catecismo. Quando vi o “conto” impresso mostrei-o quase pendurado num estandarte a todo o mundo da Rua Dona Teresa e da Praça São Sebastião, meu bairro, e me julguei – verdade – nada inferior a qualquer um dos maiores do gênero.

Eu era *contista*. A prova estava ali, irrefutável, na revista *Orienta e Anima*. E não parei mais, até hoje, para minhas alegrias, minhas tristezas e minhas dúvidas. Ganhei prêmios e aplausos e cheguei ao exterior, mas também recebi rebordosas, que o

conto, tal como o xadrez, não perdoa nunca: ou abraça o autor com carinho ou o engole inteiro.

O *conto* passou a ser, para o bem ou para o mal, o destino literário maior da minha vida de escritor. E se a caminhada já vai longa, não me importa mais que eu prossiga até ao fim. Se realize um trabalho que reputo bom, palpito; se tropeço, e tropecei muito, paciência.

Continuo desafiando o gênero. Não é uma luta inglória: é fascinante.

Aqui, neste livro, vão mais algumas tentativas.

Descanso para respirar e retornar ao ringue.

Ou abandoná-lo de vez.

Vamos ver.

Fazenda Pau Caído, Santana do Acaraú, Ceará, 25/6/99, às 17 hs.

Cantiga de Ninar

Acomodou-se na cadeira desconjuntada que a mulher gorda e pesada lhe trouxe e estirou as pernas naquele alpendre ventilado, próximo à rede do velho que se balançava valendo-se de pequenos empurrões de dedos nos tijolos sujos e irregulares.

Olhou em torno, numa avaliação muda, suspirou:

– Pelo que me lembro, a casa mudou muito.

– Mudou.

– Estive aqui antes da morte do meu avô. O senhor já era viúvo. Faz mais de vinte anos.

– Vai pra mais.

– O tempo passa.

– Passa.

– O senhor se lembra de mim? Eu era pequeno.

– Lembro.

Olhou o carro que ia em disparada na estrada asfaltada, do outro lado da porteira, onde encostara o seu para aquela visita.

– O senhor nunca pensou em sair daqui, ir morar com o seu filho, na cidade? É bem melhor.

– Vou levando. Casou?

– Casei.

– E como vai o seu pessoal?

– Bem.

Cruzou as pernas com cuidado na cadeira mole, preocupado com a porteira velha que batia e batia, a ponto de ferir-lhe o carro novo e reluzente.

– Outro dia, lá em casa, um antigo morador daqui jurou que o senhor está perto dos cem.

– Noventa e oito.

– Nem parece. O senhor na cidade, com os recursos de hoje...

Chegou a mulher gorda, a xícara desbeijada numa bandeja de verniz descascado.

– Ah, um cafezinho. Ótimo. E o senhor, não bebe?

Os dedos finos deram um empurrão maior à rede:

– Já tomei o meu leite.

Entregou a xícara, agradeceu, encarou o velho a se embalar na rede, roupa de tecido grosso e enodado, o braço descarnado servindo de travesseiro, olhos semicerrados, metidos dentro de si. Os armadores da rede no compasso gemido lento de cantiga de ninar.

– Pois muito bem. Que beleza. Noventa e oito anos. Vai passar dos cem, e muito.

A cantiga de ninar fazia dueto com o silvar do vento que corria livre.

Suspirou, olhou outro carro que passava buzinando e em disparada na estrada, grupo de moços cantando, um braço segurando uma garrafa fora da janela.

– O senhor tem muito o que contar, hem? Viu muita coisa, não?

– Vi.

– Na sua mocidade isto aqui era quase só mato, não era?

– Mato muito.

– Nenhuma estrada, nenhum carro e nem bicicleta. Tudo era a cavalo ou em lombo de burro. Meu avô falava. Daqui até a cidade devia ser um estirão.

– Um estirão.

– E agora, com rádio, televisão, computador, essa loucura toda, nem parece o seu tempo.

Os armadores cantando e cantando.

Olhou os pés ossudos do velho, calças arregaçadas até o meio das canelas, cruzadas e pendentes da rede. E aquela cantiga de ninar tornando-se impertinente, como chegando do fundo do tempo.

– Meu avô dizia que isto aqui era infestado de jagunços e cangaceiros e que o senhor fez o diabo.

– Fiz o quê?

– Fez o diabo com seus inimigos.

– Ah.

Lá ia um caminhão em marcha lenta, cansado, carga enorme.

– Contaram que o senhor falou grosso com Lampião e Corisco aqui neste alpendre.

– Neste o quê?

– Neste alpendre.

– Ah, bom.

Pigarreou, indeciso, criou coragem:

– É verdade que o senhor mandou sangrar dois macacos, quero dizer: dois soldados de uma volante que perseguia Lampião?

– Perseguiu quem?

– Lampião.

– Hum.

A porteira não parava de bater e ele temia que ela riscasse o seu carro. A moto passava rápida, aos papoucos, tomando a dianteira do ônibus.

Levantou-se, olhou rumo à serra, rumo ao riacho na baixada, fixou-se na estrada asfaltada que subia o morrote.

– Isto foi um fazendão sem limites. Restou isto, dez alqueires, que o senhor passou para o seu filho.

Arrependeu-se do comentário, voltou aos elogios:

– Fazenda sem fim foi isto aqui. Meu avô falava deste mundão. Terras de nunca mais acabar. Terrão.

– Seu avô?

– É.

– Conheci muito.

Retornou, sentou-se, correu os olhos pelas paredes do velho casarão, reboco caído e tijolos à mostra, numa avaliação crítica.

– Este casarão tem muita história. Isto aqui já fervilhou de gente, não?

O velho, de olhos sempre semicerrados, continuava, em pausas certas, a empurrar o chão para o embalo e a chorosa cantiga de ninar.

Inquieto, tornou a levantar, andou alguns passos, pôs-se a examinar pontos distantes:

– Aquelas casas de sitiantes são novas. Plantações bonitas.

O velho mudou o braço para o encosto da cabeça:

– Toma outro café?

Ele olhou o sol, decidiu-se:

– Não, não. Obrigado. Já vou indo.

– Apareça.

– Obrigado pelo que me contou da sua vida e desta fazenda.

– Vá com Deus.

Parou na descida do alpendre:

– Comprei do seu filho o que restou da fazenda. Não se preocupe: ele já tem lugar para colocar o senhor na cidade. Ando com uns projetos novos para isto aqui.

Apressadamente, transpôs a porteira, chutou-a por quase lhe ter atingido o carro reluzente e espelhante. Acomodou-se ao volante e se foi.

O velho piscava muito os olhos voltados para as telhas, dedos magros e trêmulos firmemente parados no chão, como uma âncora.

Nenhum embalo da rede.

Silenciada a cantiga de ninar.

Temporal

A chuva continuava lufante.

– Vai cair. O barranco vai cair, meu Deus.

O barro mole, inexorável, em blocos, deslizou da ribanceira.

Ela pôs no braço o filho de poucos meses, sono e choro, o mais velho seguro pela mão, correu desesperada, escorregando ladeira a baixo, e, lá longe, viu, com a última golfada do barro, o barraco eclipsar-se de todo.

O coração se partiu:

– E o Pedro que não chega...

SP, Bar Restauradores, 24.02.95 – às 19:30 h.

Ele sempre se sentava na mesma cadeira de encosto alto e se balançava, olhando o tempo através da janela. Ele não mudava de roupa, o mesmo terno amarfanhado e sujo. Ele não calçava sapatos, meias furadas e chinelos, embora engravatado. Ele nunca sorria quando contava os cúmulos-nimbos que corriam no céu. Ele não cortava as unhas. Ele só se levantava para fazer suas necessidades. Ele dormia na velha cama, vestido como estava, mãos cruzadas ao peito, como morto ou como se rezasse. Ele só tomava a sopa chupando muito o caldo da colher, numa sonoridade de doer nos ouvidos e nos ossos. Ele chamava a criadinha, balançava-se na cadeira e ordenava que ela se despisse. Ele a mandava embora em seguida com um gesto de mão e tédio. Ele pedia jornal, qualquer jornal, para uma corrida ligeira pelos títulos com os óculos na ponta do nariz e jogava-o depois para o lado. Ele não se escanhoava quando fazia a barba, sentado na cadeira e a criadinha com um espelho na mão. Ele ficava com o rosto pontilhado de espuma. Ele não tomava o remédio que o médico receitara. Ele não cortava os cabelos. Ele roncava, cabeça bambeada, a saliva pingando da boca, quando o tempo ia mal e não se podia abrir a janela. Ele rezava e dizia palavrões. Ele recitava versos e os repetia até ficar rouco. Ele tossia e escarrava no chão. Ele soltava gazes, em seqüências sonoras, que alcançavam a vizinhança. Ele resmungava e não dizia pala-

vra. Ele cantarolava surdamente sempre a mesma canção. Ele me olhava com olhar neutro. Ele tossia a noite toda, sujava-se nas calças e não permitia que tocassem nele. Ele infernizava a minha vida e a vida da criadinha. Ele era o nosso pesadelo.

Ele ficou assim depois que a esposa se foi, entre círios e flores.

Ele então foi despachado para a companhia dela, depois que trocamos, eu e a criadinha, um olhar de cumplicidade.

Ele continuou presente com a sua ausência.

Ele me assusta quando olho para a criadinha. Ele a assusta quando ela olha para mim.

Ele aumentou enormemente a carga do nosso pesadelo.

Ele nos deixou sem remissão.

SP, 12.05.98

Lobisomem

– *F*ulguração de fantasia. A multidão que ia. A multidão que ria. De dia, sol espelhante. À noite, lua prateada...

Assim começou ele a contar a história do lobisomem. Perguntou-se logo, meio aflito, no centro da roda, para que a multidão que ia, para que a multidão que ria. Intrigou-se ainda mais diante dos olhares curiosos e interrogativos. Para que falara em sol espelhante, em lua prateada, se ficariam mais apropriadas a noite escura e a lua cheia?

Descruzou as pernas, entrançou-as para o outro lado, olhou o céu estrelado, sentiu que o lobisomem lhe fugia da história tão poeticamente iniciada.

As musas o salvaram

Pigarreou, cachimbou, leve, etéreo, fumacinha espiralando rumo às estrelas:

– O lobisomem fica para outro dia. Falemos de poesia. Gostam de poesia?

Estirou as pernas, relaxou:

– Pois muito bem. Era uma fulguração de fantasia. A multidão que ia. A multidão que ria. De dia, sol espelhante. À noite, lua prateada...

De poesia banhou toda a roda, que de poesia se banhava, enquanto a noite corria e a lua também corria.

Em contraponto, lá longe, na mata escura, apenas o uivar aflito, que o vento levava e trazia.

Primeiro Movimento

Aconteceu durante minha caminhada na praia deserta, nas férias. Vi lá longe um ponto que crescia, aproximava-se. Uma mulher moça e bonita, biquíni colorido. Na praia àquela hora da manhã, à orla do mar, o dia surgindo. Eu e meu passeio, o estirão de areia, o mar quebrando, ninguém. Apenas ela vindo e eu indo.

Próximos, vi-lhe as feições, o quase sorriso. Esbelta, alourada, andar de desfile em passarela.

Passou, levando consigo e eu comigo a simples saudação de dedos.

Foi-se e eu fui. Virei-me, virou-se. Ficamos parados, encarando-nos. A viração, a praia e o mar. A corrida simultânea levou-nos à atração total, à sufocação de beijos, sem uma única palavra. Rolamo-nos nas pequenas ondas, cobrimo-nos de espumas e algas. Arrebatados, quase nos devoramos.

Cansados, olhamos o céu.

De repente, ela correu, apanhou o biquíni, deu adeus, se foi. Sentado na areia, as ondas batendo-me nas costas, fiquei observando-a perder-se na distância, até transformar-se em pequeno ponto impreciso.

Segundo Movimento

Dia seguinte, mesmo horário, cedinho na praia, esperei-a. Andei, fui e vim. Banhistas madrugadores apareceram. Um barco de pesca e uma lancha.

Tornei-me lançadeira, de cá para lá, de lá para cá. O sol subiu e esquentou.

Nada.

Terceiro Movimento

Procurei descobri-la nas redondezas, nos bares, nas ruas, entre banhistas. Fiz perguntas a conhecidos, desconhecidos, descrevi-a em pormenores.

Apenas negativas.

Quarto Movimento

Esquecido dela, voltei aos passeios matinais. Andava e corria quilômetros. Aproximava-me da pedra, lá longe, que se projetava mar a dentro. Sentava-me no alto dela e olhava os passarinhos, as lanchas, as jangadas. No rosto, a brisa marinha; nos pés, a sensação das pancadas das ondas na rocha.

Quinto Movimento

Naquela manhã com muitas nuvens, prenúncio de chuva. Eu descia da pedra escorregando com cuidado para alcançar o chão. Quase a abraço de tão perto que ela estava. Abri a boca, mas a primeira palavra não veio. Os seus dedos prenderam-me

os lábios. O mesmo biquíni e o beijo longo.

Não me importou saber de onde vinha ela e para onde ia. Tudo se repetiu como antes. O prazer nos levou às nuvens e nos trouxe à terra, novamente cobrindo-nos de espumas e algas.

Ao abrir os olhos, ela já corria longe, biquíni nos dedos.
Perdeu-se na distância.

Sexto Movimento

Insisti nas buscas, por todos os bares, restaurantes, quiosques e lojas. Indaguei de quem pude, socorri-me de simples passantes pela areia e pelas calçadas.

Balançar de cabeças, numa negativa total.

Sétimo Movimento

Retornei à velha vida. Meti-me no escritório, envolvi-me nos problemas diários.

Às vezes entregava-me a devaneios, quando ela me surgia nos lampejos das lembranças.

Oitavo Movimento

As minhas mesmas e diárias andanças matinais, pelas ruas do bairro, antes do banho e do café, cedinho, correndo e andando em volta da grande praça arborizada.

Ao atravessá-la, o dia clareando, o vulto caminhou na minha direção, metido, como eu, em roupas próprias para exercícios.

Ela aproximou-se, beijou-me na boca, tomou-me pela mão. Tentei falar e novamente os seus dedos prenderam-me a boca.

Conduziu-me aos arbustos floridos. Trazia, por baixo da roupa, o mesmo biquíni colorido. Repetiu-se a loucura, outra sufocação de prazer em desvarios.

Vestimo-nos lentamente, olhou-me fundo nos olhos, hálito morno, pela primeira vez suas palavras, quase cochicho:

– Venho lhe procurar mais uma vez. Uma vez ainda. Aguarde.

Espero-a há dez anos.

Caminhada

*I*a com o mesmo vento, a mesma saia, o mesmo cabelo solto, o mesmo gesto de mão para prendê-lo. Todos os dias, como sempre, ao passar por ele pôs os olhos no chão.

Naquela manhã, pela primeira vez ela fez um gesto de aceno. Ou pareceu-lhe isto. Alvorçou-se, porque ele apenas pigarreava, dias seguidos, quando ela passava ali perto, na rua deserta, ele encostado à parede. O pigarro era tudo dele, seus sonhos, suas insônias, porque ele não tinha palavras.

O aceno, aquele movimento de mão, podia ser-lhe uma dádiva. E então correu atrás do vento, da saia, do cabelo solto, da mão que procurava prendê-lo. O aceno podia ser também um aviso de adeus.

Valendo-se das forças que não possuía, parou espavorido, ao lado dela. Ela continuou e ao seu lado ele continuou.

Veio apenas, de súbito:

– Oi.

Som gutural, nascido de dentro d'alma. Foi tudo o que pôde externar. Ela sorriu, olhou-o, pela primeira vez olhou-o. Sentiu-se milimetricamente estudado. E o sorriso dela se ampliou:

– Como é seu nome?

A concha abria-se e ele saía de dentro dela:

– E o seu?

Antes que se afligisse com a surpresa da resposta tola, ela

balançou a cabeça. Uma negativa que era mais um gesto de aceitação.

– Perguntei primeiro.

Ele agora sentia-se totalmente liberto da concha. Olhou-a nos olhos. Olhou-o nos olhos. Fitaram-se.

– Mas me diga o seu.

Ela apenas riu. Os dedos dele procuraram os dela. Os dela não recuaram.

Recuaram cinqüenta e dois anos após, trêmulos e enrugados, para que os dele, cruzados ao peito, o acompanhassem em paz.

Cinzas

1

– Não espere por mim. Não se acostumou ainda? Se o dia amanhecer, amanheceu.

2

– A merda da sopa está fria como sempre. Tem até cinzas nesta porcaria. Leva pra lá.

3

– Reclamando de novo, mulher? Fiquei dois dias fora de casa? E daí?

4

– Dinheiro pra escola do menino? Já faz um mês? Você gasta, gasta... Pensa que eu sou banco?

5

– A porra desta camisa está sem botão. Toma. Faz ao menos isto: ajeita esta porcaria.

6

– Sai daí. Não suporto novela. Vou ver o meu futebol. Me traz um cerveja.

7

– Outro vestido? Para o casamento de quem? Que só tem esse que veste o quê, mulher... Esquece. Bota o jantar e não se toca mais no assunto.

8

– Teus pais vêm aqui no domingo? Que saco. É por isso que sumo. Não suporto a matraca da tua mãe. E o teu pai, então, Deus do céu...

9

– O quê! Uma faxineira? Você está brincando. O que é que você faz, mulher, além de levar o menino pro colégio e fazer essa porcaria de comida que até gosto de cinza tem. Preguiça chegou aí e ficou, hem. Vai, vai, me deixa em paz com o meu jornal.

10

– Como? Pode pôr na linha. Alô! Sempre você. O que é agora, mulher? Já lhe falei um milhão de vezes para não me aporrinhar no escritório. O menino está com um pouco de febre? Isto é motivo? Eu acho que você queria mesmo era saber se eu estava me virando com outra. Pois estive com uma loura na praia, na maior sacanagem. Que febre que nada. Deve ser uma gripezinha. Vou bater o telefone. Porra.

11

– Ave Maria. Chega fico suado. Transar com você não dá mais. Virou uma pedra de gelo. Vira pro outro lado e dorme, vai.

12

– Prometi que levava você e o garoto pro *shopping*, foi? Fica pra outra vez. Aproveite o domingo e dê uma limpeza geral na casa, que está um lixo. Quando volto? Quando eu chegar você vê. Abre o portão direito para não arranhar o carro. Lembra daquela vez? Até mais, filho.

13

– Você volta a pensar em empregada, mulher? Pra fazer o quê? Faxineira e empregada... Essa não. Sabe quanto custa isso? Vou te falar pela última vez: esquece.

14

– Para onde tua mãe foi, filho? Deixa. Ela está chegando. Para onde você se mandou, deixando o menino só em casa? O que está me dizendo? Repete. Repete. Procurando um advogado? Para quê? Conta. Conta. E toma, toma. Doeu? Você nem é louca de fazer isso. Experimente.

15

– Foi sem querer, seu delegado. Bati sem querer. Ela está exagerando. Não foi assim.

16

– Você tem muita cara de pau. Procurou a polícia por causa daquele tapinha. Pois de hoje em diante vai dormir no quarto do menino. Na minha cama não se deita mais. Nossa cama? Nossa... Pois sim.

17

– O que está me dizendo? Vai para a casa dos seus pais com o nosso filho? Você não é louca. Você não é capaz de fazer isso. Acabo com você.

18

– Pode completar a ligação. O quê? Você está aí, e com o garoto? Vou já aí.

19

– Quero o meu filho de volta. E o senhor e a senhora não se metam. E ela vai também. Não vão? Vou procurar a justiça. Ela já procurou? Pois muito bem. Vamos ver.

20

– Senhor juiz, por mim tudo termina em paz. Ela insiste na separação? Não sei o motivo. Nada fiz para isto.

21

– Professora, chame ali aquele menino. Oi, filho! Está indo bem nos estudos? Sua mãe tem lhe tratado bem? Você está gordo, roupa nova. Quem lhe deu? Ah, foi sua avó?

22

– Quer dizer então que ela não quer nada, só a ajuda para a criança? Pois muito bem. Se ela quiser pode ficar na casa, levar tudo que tem dentro dela. Se não quer nem pensão e só as coisas dela... O que posso fazer?

23

– Bom. Pelo que vejo passo os fins de semana com o menino, de quinze em quinze dias. Ela não quer mesmo nada, nenhuma ajuda? Está bem. Onde é que eu assino?

24

– Ei, filho, vamos dar um passeio na praia? Está tudo bem em casa? Mamãe está bem? Vovô e vovó também? Ótimo. Ah, ela está trabalhando no escritório do seu avô? Eu não sabia. Outra roupa nova? Você está crescendo.

25

– Hoje não vamos à praia. Vamos ao *shopping*. E mamãe, como vai? Quando volto para casa? Não sei, não sei. Se estou chorando? Não, não. Foram cinzas que caíram nos meus olhos.

SP, 19.05.98

Sempre que eu passava por aquela praça lá estava ele, sozinho no palanque. Gestos teatrais, falando e falando para a multidão silenciosa. Semelhante aos tantos outros que na cidade, no Estado, no País, em palanques, rádios e televisões, faziam promessas há tantos anos. E anos a fora quantos e quantos continuavam a ouvi-los.

Aquele, porém, persistia, diariamente, sob o sol ou sob a chuva, no surrado terno preto, erguendo os braços para a amplidão, gesticulando, mãos trêmulas, aos que o ouviam à frente, à direita e à esquerda. Uma ampla saia de cabeças. E ampliava a voz, quase aos gritos, aos que passavam ao largo metidos nas suas vidas.

Pelo tipo, pelos gestos, só lhe faltava uma bíblia na mão. E ele não tinha bíblia. Aquela persistência, aquele mesmo público quieto e silencioso, intrigaram-me e me despertaram a curiosidade.

Saí rompendo a multidão para aproximar-me o mais possível:
– Com licença. Com licença.

Vi-me bem próximo daquela figura hipnótica, palavras vibrantes que diferiam dos tantos outros da cidade, do Estado, do País. Fui descobrindo, em meio à chuva de perdigotos, que tudo que lhe saía da boca nada prometia desta vida e da outra. Não falava de Deus nem dos homens. Não se referia à cidade, ao Estado ou ao País. Ou ao mundo. Seu olhar fuzilava, inquietava,

martirizava, e suas acusações, dedo em riste, queimavam, humilhavam, feriam.

Feriram-me.

Integrei-me à multidão e guardando o mesmo silêncio de todos, contrito, fiquei a escutá-lo, esquecido do tempo.

SP, 31.12.97

A Esponja

– Decorou tudo direitinho?

– Decorei, mulher.

– Pois bem. É só ficar esperando. Da sala da casa da nossa filha você vai ver ele passar, sempre na hora certa.

– Já sei, já sei.

– Então se apressa, homem, senão perde o ônibus.

E de onde estava sentado agora, na sala da casa da filha, via, através da janela, pequeno trecho da rua morta, reverberante ao sol. Era esperar. E esperou, suando em bica, que o calor sufocava.

Passou uma mulher. Correu um menino. Cruzou um carro, em disparada. A quietude voltou, tamborilou os dedos. Outro carro passou. E outro passou. E então passou ele: olhos papudos, no chão, meio balofo, tal qual lhe descrevera a mulher.

Levantou-se, ajeitou os óculos com o indicador, aprumou-se, esticou a camisa solta sobre a bermuda e, nas sandálias velhas, lá se foi atrás dele, que bamboleava o seu tanto de gordura e dobrava a esquina. Ruazinha estreita, pequena subida, casas fechadas ao sol, lá adiante um cajueiro. Emparelharam-se:

– Como vai?

O olhar papudo ergueu-se do chão:

– Bem. O senhor é? ...

– Não me conhece. Mas eu sei quem é você.

– De onde?

– Vamos ali naquele cajueiro. O sol está demais.

– Para quê?

– Um instantinho. Tenho uma coisa para lhe dizer.

O olhar empapuçado examinava-o. E ele, alisando a camisa solta sobre a bermuda, empurrava os óculos com o dedo, e eles teimavam a descer nariz abaixo.

– É só um instantinho. Não vai demorar.

O cajueiro, frondoso, aproximava-se. Ninguém à sombra dele. Ninguém nas proximidades. Os olhos empapuçados voltaram-se para o chão e dele não saíram até chegarem ao tronco rugoso, folhas farfalhantes, viração de refrigério.

Ele, o mesmo cacoete, alisava a camisa solta, estufada pelo vento, empurrava os óculos e eles caíam.

– Sombra gostosa. Venha aqui.

Contornou o tronco da árvore e, cara a cara, olhos empapuçados curiosos para ele, e ele todo sorriso para aqueles olhos, exibiu-lhe a dentadura frouxa.

– Passe para cá toda a renda da sua loja. Sei tudo: dia e hora. Você precisa dela para a sua camarilha do jogo. Precisava. Tudo, tudo. Rápido.

– Eu...

– Não abra a boca, filho da puta.

Sacou a arma sob a blusa solta, cano frio entre os olhos empapuçados, que se abriram enormemente, prontos para explodir.

– Tudo, canalha. Isso. Muito bem. Vá agora rua abaixo, sem se virar. Nunca me viu, hem. Será pior. E dê graças a Deus de chegar em casa com saúde.

Demorou-se um pouco vendo-o, olhos no chão, meio abalofado, apressado, buscando, entre as casas fechadas e o sol

rachante, o rumo da sua casa. Dobrou, feito bêbado, lá no fim da ladeira. Então ele guardou a arma, contornou o tronco do cajueiro, olhou e olhou: sol, casas paradas, sequer um menino. Guardou o pacote de notas enoveladas em elásticos, alisou a blusa que inflava com o vento morno, sopesou o bolo no bolso da bermuda, caminhou ligeiro de volta.

O de olhar empapuçado, lívido, suor em bicas, entrou em casa empurrando a porta, respiração cortada ao meio:

– Fui assaltado.

– Onde, homem de Deus?

Derramou-se na cadeira:

– Água. Um copo d'água. Foi bem ali no cajueiro. Todo o apurado da semana.

O de óculos escorregadios e camisa inflada entrou em casa, por sua vez, sentou-se à mesa, chamou a filha, jogou o pacote:

– Tome. Isto dá para sua vida e o sustento do meu neto.

– Onde conseguiu, pai?

– Sempre consigo, não consigo? E não deixe mais aquele cafajeste, seu amante... O quê? Seu amante, sim. Está bem, está bem, ele se foi com outra, eu sei. Não se fala mais nisso. Não aflija mais a sua mãe.

– Vou mudar de vida, pai. Prometo.

– Prometeu quando teve o garoto com aquele bêbado e fugiu de casa. Mas não quero mais falar nisso. Juízo. Isto dá para vocês se sustentarem bem.

– Tenho vontade de voltar para casa.

– Depois do que aconteceu? Nem pensar.

– Quanto tem aqui? Ó, pai, é muito dinheiro. Vou economizar.

– Faça isto. Cadê a minha malota? Tenho que voltar. Sua mãe está só. O ônibus sai agora.

– Quer que eu vá com o senhor até a rodoviária?

– Não, não. Dê adeus ao menino.

Foi ao quarto, mudou a roupa, terno completo e surrado, tirou os óculos que escorregavam e pôs os escuros, ajeitou o chapéu de aba caída.

– Usando óculos escuros, pai?

– Algum golpe de ar. Adeus, filha.

– Um beijo na mamãe.

– Cuide-se.

E o de olhos empapuçados empapuçava-os ainda mais olhando os ladrilhos da sala, meio babando, enrolava as mãos gordas, aflição traduzindo-se nos copos d'água que bebia sem parar.

– E como era ele?

– Meio velho.

– Meio velho?

– Camisa solta, óculos... Sei lá. Mais de cinquenta anos. Ainda sinto o cano da arma aqui na minha testa.

– Chame a polícia.

Os olhos tristes, descrentes:

– Para quê?

– Essa mania de trazer o dinheiro para casa. Para que serve banco?

O de óculos escuros bem acavalados, malota na mão, mostrou o bilhete ao motorista, entrou, acomodou-se, guardou a malota no bagageiro, cabeça voltada para o movimento lá fora, meio anoitecido, que os óculos davam essa sensação. Não mudou de posição nem quando sentiu que alguém se acomodava ao lado, nem quando o ônibus deixou a cidade e ganhou a estrada. Era ver uma estátua, era ver um cego mudo.

Só respirou fundo quando o ônibus parou, chiando, na rodo-

viária pequena, não mais que dois outros ônibus parados.

Nem cinco minutos para se ver em casa, pernas estiradas, paletó, chapéu, óculos, malota, tudo jogado para o lado.

– Que calor.

O olhar dela, curiosa, cautelosa:

– Como foi?

– Tudo certo.

– Deu o dinheiro para a nossa filha?

– Não foi para isso que eu fui?

A curiosidade dela acentuava-se:

– Contou? Contou?

– Conte nada, mulher. Muito dinheiro.

No vestido justo e azulado, requebrou pela sala:

– Não te disse que era fácil? Estudei tudo dele, tintim por tintim. Sei até como conta o dinheiro, como enrola, como leva para casa.

A cadeira rangeu e ele estirou mais as pernas:

– Um idiota. Levar aquele dinheirão para casa.

– Ele usa no jogo, já te disse.

– Um idiota.

– Por nossa filha faço qualquer coisa.

– E eu quem me arrisco.

– Para ajudar a menina.

– Menina. Pois sim.

– E o nosso netinho.

– É. Suporto até o peso do teu amante empapuçado. Quase mato ele de verdade.

– Você jurou que não tocava mais neste assunto.

– Vai, vai prepara a janta. Depois vai te deitar com o teu sapo, vai. Pode ir.

O sol caía e ele, óculos escorregando, ajeitava a blusa do pijama e olhava a praça quase deserta, mordendo a dentadura. Lá estava, na calçada do bar, o companheiro do gamão. Após o jantar caminharia sob as árvores frondosas, para a distração com as peças e os dados.

Ela, bem penteada, ajeitava o vestido azulado. Passou por ele, maleta na mão:

– Volto amanhã. A janta está pronta.

La falar, mais uma vez, “crie vergonha, mulher”, mas as palavras distorceram-se de tédio:

– Vá com Deus.

Ficou lhe vendo os requebros, a marca da calcinha sob o vestido azulado, nem parecia mãe e avó.

E o empapuçado, jantado, barbeado, vestido, preparado para sair, mais uma vez procurava cortar o matraquear da mulher:

– Fui roubado. Acabou. Não se fala mais nisso.

– Vai voltar tarde?

– Meu Deus do céu. Não tenho o diabo daquele plantão na casa de jogo? É de lá que vem o filé, você sabe. Qualquer dia fecho a firma, só me dá dor de cabeça.

– Mas o dinheiro do jogo é perigoso. A polícia...

– Que polícia. A polícia a gente compra, sempre comprou. Não fala mais no assalto, mulher. Que inferno.

Lá se foi ele, empapuçadamente, maleta na mão, nos ouvidos mais um aviso dela:

– Cuidado.

Murmurou, pôs os olhos no chão, de permeio as pernas da coroa que o fascinavam. Passou pelo cajueiro palpitando, assustado, alcançou a avenida, o ônibus que o deixou na periferia, e o táxi, em seguida, à porta do motel. Pouco esperou para vê-la

chegar no vestido azulado, tesão da cabeça aos pés. Trocaram beijos subindo a escada e, trancados no quarto, despidos, jogaram-se na cama, a balofice e os olhos empapuçados em nhém-nhém-nhém de sanguessuga sobre os peitos duros e as carnes idem. A mão acariciava os pelos crespos da vulva e a boca revelava:

– Querida, fui roubado.

Os olhos, emoldurados de rímel, dilataram-se:

– Não.

– Verdade.

– Como foi isso, bem? Conta.

Ele foi aos detalhes, sexo esquecido. O espanto dela era desmesurado:

– O revólver na tua testa?

– Isto mesmo.

– Meu Deus. Mas Ele é grande. Esquece, bem. Você não ganha aquele dinheirão na casa de jogo? Então. Vem cá, meu fofinho.

Mal rolaram. Ela pulou da cama, abriu a maleta:

– Vou botar aquelas meias pretas que você adora.

Ele foi à maleta dele:

– E eu vou botar as ligas. Você de meias e eu de ligas.

Delícia.

Então, sim, rolaram que rolaram, generaram que generaram, urraram que urraram. E despencaram-se molengados. A mão dela acariciou a pelanca do peito dele, a língua no seu ouvido:

– Como vai a megera da tua mulher, que eu nem conheço?

– Nem fale. E o corno do teu marido, que eu nunca vi também?

– Mais lerdo que uma lesma. Aquela dentadura dele... Meu Deus.

Conversa arrastada. Ela esfregou-se nele, alisou-o dos olhos flácidos ao sexo flácido, soprou-lhe:

– Querido, conta como você faz no jogo. Só curiosidade. Como é que tu tira o dinheiro dos trouxas? É tudo viciado, roleta, dados, tudo? Claro, amor, não vou contar pra ninguém.

Sentou-se na cama:

– Olhe: estou beijando os dedos em cruz.

– Bico calado. Nem minha mulher sabe disso.

– Tira mais, tira mais, pra cobrir o roubo. E tu leva tudo pra casa?

A voz dengosa, os beijos nos olhos empapuçados, na barriga mole, na trouxa do sexo, arrancaram tudo o que ela queria saber.

Ele sentou-se de repente, olhou as horas, começou a tirar as ligas:

– Tenho que ir, querida. Entro no cassino à meia-noite.

Deixou sobre a mesinha o envelope:

– Compre outro vestido. Gostei desse.

Ela espreguiçou-se, bocejou, dormiu como uma santa.

Cedinho, alegre, banhou-se, maquiou-se, meteu-se no vestido azulado e viajou de volta.

Entrou em casa como um vendaval:

– Marido, tenho novidade. Vai ser bem fácil.

– O que você arrumou agora com o teu macho?

– Não fale assim. Ajudamos a nossa filha, não ajudamos?

Agora é a nossa vez. Eu esperava por isso.

Entrou no quarto, trocou de roupa, ficou parada, mãos postas, olhos no Cristo crucificado na parede.

– Vai dar certo. Deus vai nos ajudar.

Levantou a voz:

– E nunca mais procuro aquele seboso, de olhos

empapuçados.

Ele gritou da sala:

– Nunca mais o quê?

– Nada, nada. Vou preparar o almoço. Ah, marido, lá perto da casa onde passo a noite tem uma serraria. O dono...

Deteve-se pensando no homem moreno, calvo, que sorria para ela com meiguice. Ajeitou os cabelos:

– Quem sabe é a tua vez, meu moreno da serraria.

– Falou alguma coisa?

– Não falei nada.

Saiu cantarolando para a cozinha e ele continuou a balançar-se na cadeira, olhando, através da janela, o velho oitizeiro da praça.

Ela veio pelo corredor, ainda cantarolando, ajoelhou-se ao lado dele e lhe detalhou todo o plano.

– Não é bem mais fácil? No escuro, marido, no escuro, tudo deserto. Vamos ficar ricos. Um dinheirão do jogo viciado e clandestino.

Ele olhava o oitizeiro e concordava, quase imperceptível, balançando a cabeça. Ajeitou os óculos com calma, no sestro automático, pensando mais na partida de gamão, a esperá-lo, lá do outro lado da praça. E sempre que para lá olhava, os impulsos cresciam e o dominavam mais e mais. Uma sensação de nojo. Passar a esponja em tudo. Poderia começar logo mais à noite.

– Um dinheirão, marido.

A situação financeira estaria resolvida. Tão fácil, no escuro. Bem que poderia. Adeus definitivo aos olhos empapuçados. A esponja viageira caminharia para o moço que lhe dera um neto, ao crápula que lhe perseguia a filha. Estava em tempo de limpar de vez o caminho. Bem que poderia. Limpá-lo por inteiro.

A esponja livrá-lo-ia de todas as contaminações. Da filha tonta, do neto não desejado. E depois a viuvez. E os pássaros fariam coro nas árvores farfalhantes da praça tranqüila. Alma livre para atravessá-la, cumprimentar os conhecidos, ouvir a passarada, e sentar-se calmamente, pernas estiradas, para jogar o seu gamão.

Levantou-se, suspirou, foi à janela, mordeu a dentadura. A esponja viageira dançava aos seus olhos, o ânimo crescendo.

O dedo empurrou com mais vagar e firmeza os óculos para cima, a esponja encorajando-lhe a decisão:

– Bem que poderia... Bem que poderei...

Mastigou firme a dentadura:

– É por aí... É por aí... Passar a esponja em tudo. É... É por aí...

Fortaleza – Ceará, 31.07 a 6.8.98

O Ladrilheiro

– Quero isto pronto ainda hoje.

– Hoje?

– Hoje.

Olhou o sol declinando e descobriu, aflito, que não conseguiria cumprir a tarefa antes do cair da noite. Mas baixou a cabeça e entregou-se, com a máxima rapidez, a ladrilhar, o suor pingando do queixo, das axilas. Na pressa e no nervosismo quebrou alguns ladrilhos.

– Meu Deus.

O sol descia e o ladrilhado avançava pouco. A vista turvou. Sentou-se no chão, abanou-se com o velho chapéu. Fome medonha. Sede medonha.

Os passos aproximaram-se:

– E então?

Olhou para ele, súplice:

– Não dá...

Primeiro o pigarro, depois a decisão aborrecida:

– Tudo bem. Chamo outro para o serviço. Pode ir. Venha amanhã receber as horas de serviço.

Ainda quis argumentar, o alpendre era grande. Apenas levantou-se, pôs o chapéu na cabeça e rumou para casa.

A primeira pergunta, logo à entrada, os olhos dela esperançosos:

– Arranjou serviço?

A sede confundia-se com a fome. Olhou para além dela e viu o monte de ladrilhos e o vasto alpendre.

– Não deu...

Sentou-se à mesa de perna quebrada, mãos cruzadas ao queixo, à espera de alguma coisa que ela lhe pudesse trazer para comer.

SP, Bar Restauradores, 3.3.95, às 18,25.

A Dúvida

- **D**emorou, hem. Minha mulher está para chegar.
- O trânsito, um inferno.
- Pode se sentar. Fique à vontade.
- Obrigado.
- Quer tirar o paletó?
- Não, não.
- Pois muito bem: examinei tudo com atenção.
- E então?
- E então? Eu esperava mais, muito mais. Afinal você foi contratado para isto.
- E eu fiz o meu serviço. Está aí.
- Pensei que o senhor trabalhasse melhor.
- Como melhor? Tenho vinte anos de experiência, doutor.
- Desculpe, mas não parece.
- Então o senhor não leu, não ouviu e não examinou o que lhe entreguei.
- Examinei tudo.
- O senhor não pode ter lido bem o que escrevi no relatório.
- Li, sim.
- E as fotos, esse monte de fotos?
- Vi também.
- Não achou suficiente?
- Esperava mais. Estou lhe pagando um dinheirão.

- Não sei aonde o senhor quer chegar.
- Sabe, sim. Desculpe, mas sabe: eu queria mais detalhes.
- Mais detalhes, doutor? Aí está tudo, tudo, um monte de provas concretas. Releia o que escrevi, reexamine as fotos.
- Vi tudo o que me entregou. Já lhe disse.
- Então não sei o que mais o senhor quer. E a gravação, ouviu bem?
- Ouvi.
- Desculpe, doutor, mas mais do que isto é impossível.
- Pois creia: esperava mais.
- Meu Deus do céu. Estão aí as fotos da sua esposa entrando e saindo do motel. Veja o letreiro: “Motel Paraíso.” E veja o sujeito, o mesmo cara de quem o senhor suspeita. E ela aí, bem na frente do motel, aos beijos com ele.
- Me respeite.
- Não estou lhe desrespeitando. Sou detetive profissional. Trabalho nisso há vinte anos. Conheço todos os segredos do meu trabalho.
- Creio que exista quem faça melhor.
- Pois procure. Nas listas telefônicas têm uma porção de agências. Posso lhe indicar outra.
- Indicação sua não quero. Já conheço o seu serviço.
- Então me pague o resto que me deve e vou embora.
- Vou lhe pagar, fique tranqüilo. Mas não fiquei satisfeito.
- Não compreendo o senhor. Pensa que foi fácil colocar escuta no quarto deles? Dei uma gorjeta enorme ao porteiro.
- Tome o seu cheque.
- Não, não, doutor, o preço não foi este. O combinado foi outro. Trabalhei quase um mês, apanhei muita chuva e gastei um horror de gasolina para cima e para baixo vigiando a sua mulher.

E as horas sem fim que fiquei em pé, esperando?

– Está bem pago, muito bem pago.

– Esta bem. Fica por isto. Mas o senhor não encontra um serviço melhor do que este: datas, horários, fotos até da sua mulher se beijando dentro carro com aquele sujeito... Tem até uma af... veja af... aquela, ele alisando as coxas dela fora do carro lá naquele fim de mundo. Ouça mais uma vez a fita, ouça. Examine se a voz não é dela. Ela até dá gargalhada e chama o senhor de corno manso.

– Já falei para me respeitar. É minha esposa e o senhor está na minha casa.

– E eu estou prestando conta do meu trabalho. Vou-me embora.

– Passe bem. Vou procurar outra agência que faça um serviço melhor.

– O senhor é quem sabe. A mulher é sua.

– E feche a porta. Não precisava bater com tanta força. Esses cafajestes se julgam detetives e não conhecem nem o rumo de casa. E eu gastando o meu dinheiro com essa gente. Vamos ver se encontro outra agência mais eficiente. Vejamos... vejamos.... Aqui.... aqui... Ah, você chegou querida? Estou aqui no gabinete.

– O que está fazendo? Não foi ao escritório hoje à tarde?

– Fiquei examinando uns documentos. Aqui é mais calmo.

Por onde andou?

– Saí com uma amiga. Fui ao *shopping*.

– Demorou, hem. Está escurecendo.

– É esse trânsito, bem. Quase bato o carro. Está com fome? Estou sem fome nenhuma. Comi um lanche com uma amiga. Vou pôr alguma coisa no microondas. É um instantinho. E não se mate trabalhando em casa. No escritório não é suficiente?

– Apareceu um serviço grande. Tenho que dar ordem nisto.

– Ah, querido. Estou precisando de mais dinheiro. Comprar umas coisinhas. Vou tomar uma ducha rápida. Vou mudar de empregada, você não acha? Vai embora cedo e deixa tudo por fazer. Já lhe chamo.

– Não tem pressa. Também não estou com fome. Agora vejamos. Aqui a página. Encontrei. Quem sabe esta: Agência de Detetive Olho Vivo. Vamos lá... Alô. É da Olho Vivo? Obrigado. Estou falando baixo porque apanhei uma laringite. Preciso de uma pessoa para um serviço particular. Quero pessoa eficiente e de confiança. Vocês têm? Ótimo. Mande falar comigo. Como? Não, não. Agora não. Volto a telefonar amanhã. O seu nome, por favor. Certo. Anotei. Pessoa eficiente, hem. Ligo pela manhã. Obrigado.

– Querido, venha.

– Um instantinho só. Estou guardando uns papéis.

– Venha, senão esfria.

– Vamos ver se agora me livro da dúvida que está me matando. Esse é o quarto que vai levar o meu dinheiro. Uns inúteis.

– Esfria, falei.

– Estou indo.

– Demorou. Só fiz isto.

– Não importa. Quero só um suco.

– Você anda diferente. Fala pouco.

– Muita responsabilidade no escritório. Aumenta sempre.

– Tire umas férias. Passe uns tempos com o seu irmão. Você não gosta tanto de praia? Eu me viro aqui sozinha.

– Vou pensar.

– Estou morta. Saio daqui, joga tudo na pia e vou direto para a cama.

– Andou muito, não?

– O *shopping* é um mundo.

– Sei.

– Você vem?

– Vou ver um pouco o noticiário.

– E eu vou para a cama. Não comi nada, você viu.

– O que você bebeu?

– Um drinque com a amiga. Um só.

– Está se tornando um hábito.

– Um só, amor. Você vem?

– Não demoro.

– Vou tomar outro banho, longo. Relaxar.

– Tudo bem. Vejamos: este canal não tem nada, esta novela é uma droga, esse futebol nem se fala... E mais um pilantra para tomar o meu dinheiro. Vamos ver se esse agora me livra da dúvida. Uns inúteis.

– Falou, bem?

– Não. Xingando aqui a televisão. Não tem nada.

– Já me banhei. Estou outra.

– Essa camisola é nova?

– Gostou?

– Bonita.

– E você só veste esse treco, com um monte de pijamas novos na gaveta.

– Gosto dele.

– Chega pra cá. Deixa eu te abraçar. Assim. E não se esqueça do dinheiro que te pedi.

– Quanto é?

– Depois eu digo. O que você falou? Gasto muito? Coitada de mim. Queria que você visse as minhas amigas. Vem cá.

- Não, não. Você não estava cansada?
- Com este banho longo passou. Vem.
- Hoje, não.
- Meu Deus. Já faz mais de dois meses, sabia? Você não era assim.
- É essa trabalhadeira que aumenta dia a dia.
- Não pára com isso porque não quer. Te afaste então pra lá. Sei me controlar.
- Sabe, é?
- O quê?
- Nada.
- Vou dormir.
- E eu vou enfrentar a minha insônia.
- É bom ir ao médico. Você não pára de se mexer e de se levantar a noite inteira, de uns tempos para cá. Tem remédio para isso.
- Eu sei. Estou tentando descobrir.
- O quê?
- Dorme.
- Até amanhã.
- Até.

SP, 24.12.98

Olhou-me da janela. Segui em frente e me virei apenas uma vez, certo de que ela continuaria me olhando. Uma ironia disfarçada. Virei-me para tirar a prova. E ela se confirmou.

Aborreci-me tanto que passei a evitar aquela rua. Mesmo que a janela estivesse fechada, lá ela estaria, encarando-me por trás das venezianas com aquele meio sorriso que me ardia no coração.

Mas naquele dia bebi um pouco mais e, num impulso, resolvi enfrentar o olhar de demônio. Parei frente à janela, meio da rua, mostrei-lhe a língua, o punho fechado, exibi-lhe partes íntimas, gritei para todo o bairro. É isto o que você quer?

E vieram me falar, na delegacia, que eu me comportara escandalosamente, assustando a todos, que fecharam janelas e portas. Minha mãe chorou, meu pai conversou aflito com o delegado. E aqueles sujeitos não tiravam os olhos de mim, particularmente o policial corcunda, meio macaco, que me enchera de bordoadas.

Preferi o silêncio. O ódio queimou-me ainda mais com o falso argumento geral de que ali mora uma santa senhora, esperando apenas ser canonizada. Pois sim. Santa com aquele olhar sacana, aquela ironia diabólica que me fuzila e me mata? Muito boa.

A chama que me consumia era tanta que dias depois, após semanas levado para cá e para lá, metido em quartos silenciosos

e vigiado por pessoas de branco, dopado de tantas agulhadas, vi-me livre, tornei a beber e me cresceram as chamas como labaredas.

Retornei, decidido como nunca, pus-me à frente da janela fechada, e meu discurso não teve fim. Fiquei rouco, segurando o mastro fora das calças e lhe oferecendo, para que desmaiasse com o tamanho dele.

Conduzem-me não sei para onde. Mas não vou de peito lavado.

Um dia hei de voltar. Então ela me pagará, de vez e definitivamente.

E me sentirei na paz de Deus.

SP, 05.10.97

Companhia de Viagem

Caminhou com dificuldade na fila estreita de passageiros e encontrou finalmente o número da sua poltrona. Guardou a pasta de documentos no porta-bagagem e viu, na poltrona ao lado, uma mulher jovem, olhando pela janelinha a pista de pouso.

– Bom dia.

Ela mal virou a cabeça:

– Bom dia.

Acomodou-se na poltrona, verificou se o encosto estava em posição correta, travou logo o cinto de segurança.

– Estas poltronas são um tormento.

Ela continuava a olhar lá fora parte da pista, parte da asa, operários em macacões que iam e vinham, um avião lá longe que manobrava lentamente.

Cruzou as mãos, esperou. Passageiros passavam, acomodavam-se, abriam e fechavam com ruído os porta-bagagens, comissários orientavam, muitas crianças, uma chorava insistentemente. Os avisos de sempre, na voz neutra e feminina.

Olhou-a de relance ali ao seu lado, exame rápido sem girar a cabeça. Bonita, feições delicadas, cabelos castanhos e curtos, interessada apenas no movimento lá fora.

A pancada surda da porta de acesso se fechou. A mesma voz feminina a repisar ordens e avisos.

Ela e demais passageiros junto às janelas desceram as per-

sianas. Viu-lhe o relógio de pulso, pequeno e dourado. A tela, na obscuridade, mostrava a segurança da aeronave e as providências para as emergências. A criança continuava a chorar.

Sentiu que a aeronave manobrava lentamente em direção ao ponto do vôo. Ficou tenso, como sempre. Ela olhava em frente.

O avião ganhou velocidade e ele segurou-se nos braços da cadeira. Sentiu que deixavam o solo nos leves impulsos da subida. Disfarçou a tensão:

– Aqui vamos nós.

A seqüência de persianas começou a subir e ela destravou a sua, entrando pela janela um jato forte de luz. Os bamboleios continuavam, o avião ganhava mais e mais altura. Trecho da cidade lá em baixo, casas em miniatura, ruas da largura de centímetros.

A estabilidade, céu sem nuvens, avisos luminosos apagados. Alguns passageiros se levantaram, conversavam em pé. A voz dela, que ele não esperava:

– Tenho pânico das subidas. Não me acostumo nunca.

Mostrou-se solidário:

– Eu também.

Passou a comissária oferecendo jornais. Aceitou, ela recusou. Deu uma olhada nas manchetes, ela abriu uma revista guardada no suporte da frente. O vôo seguia sereno.

Interessou-se por alguns artigos, demorou-se nas notícias que corriam pelo mundo.

Viu que a revista dela era especializada, pelas fotos brilhantes de pedras preciosas. Dobrou o jornal:

– Revista bonita.

– Trabalho com jóias.

– Sou advogado. Trabalha por conta própria?

– Para uma firma.

– Viaja muito?

– Bastante. E vou muito ao exterior.

– Eu advogo para algumas firmas. Quase sempre causas perdidas. Vou descer na primeira escala. Serviço rápido no fórum. Volto depois de amanhã. A senhora fica também?

– Vou até o fim da linha.

Ela folheava lentamente a revista, passava e repassava páginas, como examinando jóias diversas. A postura dela inibia-o. Mãos bem tratadas, unhas róseas, dedos delicados. Pelo detalhe, devia ser esbelta, pernas bonitas. Quase inicia a pergunta para saber se era casada, se tinha filhos. Mas os olhos continuavam metidos na revista, dedos acompanhando o desenho das jóias.

Guardou o jornal no suporte em frente, acomodou-se melhor na poltrona, sem recliná-la para o relaxamento, fechou os olhos para um despiste de sono que sabia não viria. Um garoto passou correndo. Piscou-lhe o olho:

– Oi, beleza.

Vontade mesmo era de olhar aquelas mãos, acariciá-las. De olhos fechados como estava, sentia o perfume dela ao seu lado, suave, sintonia perfeita com o zunir dos motores. Imaginava-a na cama, com aquelas mãos acariciantes, aquele odor pouco mais que o próprio odor de mulher nova, bonita como era. E ela estava ali, os ombros quase unidos.

Demorou-se na mesma posição, que começava a incomodá-lo. Aproximou-se o carro com bebidas, o que lhe fez sair do despiste do sono e destravar a mesinha em frente. Ela guardava a revista e fazia o mesmo. O comissário, gentil:

– A senhora toma alguma coisa?

– Um refrigerante.

– E para o senhor?

– O mesmo.

Bebericavam. Insistiu, risonho:

– O meu vô é curto. Refeição só depois da escada, não é?
Não invejo a senhora. Essas comidas de bordo...

– O senhor tem razão.

Empacou. Ela voltou a olhar através da janela, nuvens brancas no céu azul. Melhor silenciar de vez. Quisesse ela maior camaradagem e lhe mostraria a revista de pedras brilhantes.

Nova postura para a fingida soneca. Demorou-se assim. O vô sempre sereno. A criança voltou a passar correndo e os minutos também correram.

As comissárias recolhiam copos e ele, saindo do falso sono, travou a mesinha.

Notou, pela suavidade do balanço, que se aproximavam da descida. Abriu os olhos:

– Estamos chegando. Quero dizer: estou chegando. A senhora irá em frente.

– Fazer o quê?

Vontade enorme de saber o nome dela, onde morava. Tentou abrir caminho:

– Sou solteiro. Fui casado. Tenho uma filha. Mora com a mãe.

Ela exibiu um ligeiro sorriso de compreensão e ele arrependeu-se do que falara. Pareceu-lhe que se confessava diante de um padre. Pigarrear foi a saída.

Acenderam-se os avisos luminosos e ele e ela ajustaram os cintos. A voz da comissária voltou a dar instruções precisas e neutras, incluía os minutos para o pouso e a temperatura local.

Bateu de leve com as mãos nos braços da poltrona:

– Está quente aqui. Eu já esperava.

– Para onde vou é bem mais quente.

Ela mostrava-se mais gentil no final da viagem. Sorriu meiguamente e adiantou que sua próxima visita seria à França e à Itália.

O avião aproximava-se da pista, bamboleante, e ele não tinha mais por que perguntar-lhe se era casada, se tinha filhos, onde morava.

Os pneus tocaram o solo, solavanco curto, e o avião passou a taxiar na pista. Contrariando as ordens que vinham do alto-falante, passageiros apressavam-se em se levantar e abrir os porta-bagagens sobre as poltronas. Desafivelou o cinto, riu para ela com cortesia:

– Já cheguei. Boa viagem para a senhora. Capaz que volte-mos a nos encontrar de novo.

– Capaz.

Estendeu para ele a bela revista:

– Leve. É a revista da firma.

– Obrigado.

Pegou a pasta e três ou quatro cadeiras adiante voltou-se para mais um cumprimento. Ela lhe abriu, pela primeira vez, um sorriso encantador. Pensou em voltar, pedir-lhe o nome, o endereço, para um cartão de Boas Festas. Mas foi sendo levado pelos que vinham atrás, aos atropelos, bagagens em quantidade.

Demorou-se junto à esteira de bagagens, que não apareciam. Calor infernal. Uma voz ao lado:

– É sempre assim. Uma eternidade.

A eternidade podia continuar, porque ele folheava com carinho as páginas da revista, por onde correram as mãos delicadas dela.

A esteira começou a andar. Apanhou sua pequena mala.

No táxi, sentado ao lado do motorista, deu o nome do hotel, comentou:

– Calorão, hem.

O taxista puxou conversa e ele folheava a revista, passando e repassando as belíssimas páginas. As pedras brilhantes pareciam saltar delas.

Os olhos caíram no expediente da revista. Impressa na sua cidade. A firma não muito longe do seu escritório. Telefones, e-mail e fax. Vários nomes, alguns femininos. Quem sabe o dela estaria entre eles.

– Não custa tentar.

Suspirou confiante:

– E quando tento...

O taxista olhou para ele, intrigado com o monólogo. E ele sorriu para o taxista.

– Calorão, hem. O mar desta cidade é sempre lindo.

Passou a assoviar baixinho, batucando os dedos na capa da revista.

SP, 28.07.98

Contrição

Três dias e três noites esperou que a chuva parasse. Não parou. Então meteu-se no aguaceiro, que não agüentaria tanta aflição por mais tempo. Pouco lhe importou chapinhar na lama e encharcar-se. Daria o revide e quem sabe lhe voltaria a paz.

Ao atravessar o riacho, água pela cintura, o velho, na canoa bamboleante, espantou-se:

– Assim vestido?

– É.

Caminhou, caminhou. Venceu estradas e veredas, o morro escorregadio, a mata fechada que lhe dilacerava a roupa, lanhava-lhe o rosto. Venceria toda a floresta, daria a volta ao mundo, se preciso fosse, pois já dera muitas sem norte por três desesperantes dias.

Viu de longe. Lá estava a sua casa, que abandonara depois da afronta sofrida na própria alcova. Três dias e três noites roído de ódio de nada lhe valeram. O retorno fôra o ímã mais forte para enfrentá-lo, talvez chegar ao crime, afastá-lo do caminho, e resgatar a meiguice conquistada com tanto amor e paixão.

Lá estava a casa alpendrada, mais acachapada, encolhida e medrosa sob a chuva que não parava.

– Pois muito bem.

Suspirou e alargou as passadas. Na marcha em que ia, afrontando tudo, bastou o passo maior para meter o pé na porta e

jogá-la por inteiro, baque de costas, na sala escura.

– Pensaram que eu não voltaria? Pois muito bem.

Olhou a alcova, os lençóis amarfanhados. Correu quartos, salas, escancarou janelas, e a angústia traduziu-se no soco violento na pequena mesa, que foi e veio, e bambeou a imagem do Senhor, que por pouco não foi ao chão porque a segurou a tempo.

– Fugiram.

A mão não se desprende da imagem. Acariciou-lhe a cabeça num gesto calmo. Encarou longamente aquele ar sereno. A falha do gesso descia do olho esquerdo como uma lágrima.

O retrato dela ali na parede. Dirigiu-se lentamente para perto dele. A manga do paletó limpou o embaçado do vidro. E ela, dentro do caixilho, meigamente o encarou. Encararam-se. Trouxe lentamente a cadeira, sentou-se frente ao retrato, e ela o olhava com o riso sedutor. Demoraram-se numa longa conversa muda.

Dela saiu com um largo suspiro, convencido de que perdera a meiguice que conquistara com tanto amor e paixão.

Retornou para junto da imagem, voltou a acariciar-lhe a cabeça, a correr com o dedo a falha do gesso que parecia uma lágrima. Em perfeita contrição.

Deitou o olhar nos sapatos imundos. Mas persistia, de per-meio, a figura do jovem de barba muito negra, olhos muito negros, que no domingo ensolarado perguntou à sua porta como sair da encruzilhada.

Ela, alegre, sôfrega, meiga, risonha, indicou-lhe como.

Via agora, contrito e resignado, que eles encontraram o mesmo caminho.

Chamava-se Maria Magdalena de Souza Hermenegilda Aranha Nogueira Ramos Paes Leme Caminha Noronha de Almeida. Magdalena com G. Nome tão extenso aproximou-me daquela moça amorenada, nova, alegre, espigada. Se houver por aí alguém com nome tão idêntico a este é pura coincidência. Mas não creio que exista. O nome é quase uma ladainha.

Eu estava na fila de um dos caixas do Banco do Brasil quando ela, na minha frente, ditou alto para o atendente o seu nome, destacando bem as sílabas. Provocou ar de riso nele e espanto nos demais. Ela nem ligou. Riu divertida. Virando-se, explicou para quem quisesse ouvir:

– Eu me chamo assim porque meu pai adorava os nomes da realeza, cujos nobres têm nomes que enchem três ou quatro linhas de uma folha de papel. Um horror. Mas não se preocupem. Podem me chamar de Mag, como sou conhecida.

Tudo muito divertido. Na saída, deixamos o banco juntos. Aproveitei a oportunidade:

– Pois veja como são as coisas. Eu, ao contrário de você, chamo-me apenas José Dico. Pode? Fui registrado assim. Você não dá bola para nome tão grande e eu me encolho com nome tão pequeno e feio.

Descemos a rua conversando. Mostrava-se encantadora. Ela, advogada. Eu, professor.

– Profissão belíssima a de professor.

– Porque você certamente nunca entrou numa sala de aula. Um saco. Ah, desculpe o saco...

– Tolice. Eu adoro dizer palavrões. Você, pelo que vejo, é um professor à moda antiga. Casado e pai de três filhos. Acertei?

– Errada. Ainda não me casei. Quarenta e dois anos.

– Não vá dizer que o senhor, tão elegante e bem apessoado, é *gay*.

Vi que, de fato, ela topava qualquer conversa.

– Errada de novo. Não sou fresco. Antes fosse, porque a vida de casado está muito dura, pelo que sei dos amigos. E você – vamos nos chamar de você – é casada ou costura para fora, além de advogar?

– Não costuro para ninguém. Mas já costurei três casamentos e todos acabaram desalinhavados. Estou novamente só. E antes que me pergunte: tenho um filho de seis anos, que mora com o pai, o segundo da fila. E como você se vira solteiro? Com um monte de camisinhas no bolso?

– Não chega a uma tonelada, mas, vez por outra, me socorro delas. Essa doença que anda por aí... Quando é mulher de amigo meu, vou com a banana descascada.

– Vocês, homens, não têm jeito, dando sempre em cima das mulheres dos amigos. Que horror.

– Não venha me dizer que não pulou a cerca durante o tempo em que andou casada com os três coitados...

– Dei alguns pulos. Pus alguns chifres, mas não o suficiente para que eu me tornasse uma distribuidora deles.

– Então empatamos. No fundo, pelo que vejo, somos dois cínicos.

– Você acha?

– Acho.

– Sabe que você tem razão? E sabe outra coisa, querido?

– O que é?

– Vamos tomar um lanche? Sentados temos muito mais tempo para agredirmos um ao outro. Que tal?

– Topo a briga. Não vou dar aula hoje.

– E nem pense que eu quero receber de você alguma lição.

– Ensinar a você? Santo Deus.

– Não vou voltar ao escritório. Dou alguns recados à minha colega pelo celular.

A primeira coisa que fiz quando nos acomodamos à mesa da lanchonete foi tirar um papel do bolso:

– Me diga de novo o seu nome completo. Quero anotar direitinho, porque eu é que vou passar um mês para decorar a lição. O meu você já sabe: José Dico. Mas não se assuste. Vou sempre lhe chamar de Mag.

– Graças a Deus. E eu vou lhe chamar de Dick. Não fica melhor? Nome em inglês, querido. Precisamos ficar de bem com a OTAN. O que você vai pedir?

– Vou beber um uísque.

– Acompanho.

– E você bebe a essa hora, advogada? São umas quatro horas da tarde.

– Você não bebe? Esse machismo é um saco. Está vendo? Quem falou em saco agora fui eu. Não fico por baixo nunca. Às vezes só na cama.

Eu a achava estranha e divertida. Bebemos uma dose, duas, três, quatro... Depois a saideira. Jogamos uma porção de conversa fora. Ela me passou o seu telefone e eu lhe dei o meu.

Levado pela alegria da bebida, acariciei o seu joelho por baixo da mesa. Ela me olhou nos olhos, uns olhos negros, magnéticos:

– Vamos deixar de frescura. Quer transar, vamos logo. Também estou com tesão. Aliás, estou sempre com tesão. E você?

– Sei lá. Bebi demais. Mas topo. O que mais pode acontecer é não acontecer nada.

– Dou um jeito. E não precisa de camisinha. Sou mulher limpa. Eu é quem vou me arriscar...

– Não tenha medo. Além de aids, tenho gonorréia, piolhos, esquentamento, até sífilis... Vamos?

– Conhece algum lugar?

– Claro. Não sou solteiro?

Não demorou muito e estávamos num quarto de motel, um em frente ao outro, despindo-nos lentamente. Quando a vi nua, quase caio: era a moça mais linda do mundo. Não havia miss que ganhasse dela. Pele morena e acetinada.

– Puxa, como você é bonita...

– Você acha? E cadê o seu tesão?

– Ele vem por aí...

Não demorou muito, eu, de olhos acesos naquele pedaço de mulher, senti que o meu sexo latejava, apontando na direção dela, firme como um mastro.

– Santa, que cacetão. E está olhando para mim. Que susto.

– Gostou?

– Não experimentei ainda.

– Pois vamos ver.

Caímos, num só impulso, na cama, como se tivéssemos combinado. Não sei como a cama não se partiu. Rolamos de lá para cá, entrançados, um querendo engolir o outro. Foi uma sacanagem doida. Ela soltava gritinhos, me chamava de querido e de filho da

puta. Pulou em cima de mim:

– Pensa que sou passiva? Vai ver.

Lambuzou-me da cabeça aos pés, tomou a dianteira em tudo.

– Quero ver agora se você é macho. Mete em mim essa vara ou bota ela no ombro e vai pescar noutra lagoa.

– O meu pinto não tem anzol.

– Anda, macho. Deixa de frescura. Começa a trabalhar.

Fui com tudo. Um exercício de empurra e volta, volta e empurra, meio violento. A cama gemia, ela gemia, eu gemia, parecia até que o quarto todo gemia. E ela me esculhambando:

– Professorzinho de merda. Nem ensinar a transar sabe direito. Vem, vem ver se eu sou analfabeta. Vem... vem...

– Estou indo, porra... Você quer que eu lhe atravesse e o meu pinto saia nas suas costas? Isto é um pênis, não é uma lança de guerra.

– A batalha é grande. Continua guerreando com essa lança enferrujada. Vem, vai...

Acabei desabando ao lado dela:

– Gostei demais. E você?

– É, quebrou o galho... A lança velha até que não é de se jogar fora...

– É por isso que não tem marido que te agüente.

– Não há mais macho como antigamente, meu filho.

– Não? Pois vou te enrabar.

– Atrás, meu filho, nem para ir para o céu com todos os santos. Vamos tomar um banho?

Debaixo do chuveiro foi outra sofreguidão. De tanto abrir a boca e suspirar bebi quase um litro d'água.

– Vamos de novo para a cama?

– Acabou por hoje, professor. Sou advogada. Se falar de

novo em meter, eu é quem lhe meto um processo. Vamos embora. Um beijo.

Foi um beijo curto, vestidos.

– Quando nos veremos de novo, Mag? Gostei pacas.

– Lhe telefono. Qualquer dia lhe telefono. Pode ir comendo as outras.

Descemos as escadas e ela, se rebolando, marchou para o carro. O atendente, que me conhecia, balançou a cabeça de admiração:

– Foi a mulher mais bonita que o senhor já trouxe aqui. Que peixão.

– Respeite. É uma baronesa. Sabe como é o nome dela?

Puxei o papel do bolso:

– Maria Magdalena de Souza Hermenegilda Aranha Nogueira Ramos Paes Leme Caminha Noronha de Almeida, ouviu bem? E mais: Magdalena com G. Ela é nobre, sabe o que é isso? Nobre. Realeza, meu amigo, realeza.

Saí pisando firme, feito um verdadeiro lorde, pensando em adquirir, não sabia onde, uma cartola, um par de luvas brancas e uma bengala.

Antanho

Desde antanho não mais voltara. E agora vinha ele, meio de banda, que era o seu jeito, cansaço muito, sol agulhante na cabeça, suor afunilando-se no queixo, pinga-pingando. Logo ali, na baixada, a mesma rua, uma só, as mesmas casas encolhidas, os mesmos pedaços de calçada, os mesmos tufos de capim seco entre os tijolos, a mesma venda do caraolho, as mesmas galinhas ciscando, os mesmos porcos. A mesma vila. A única diferença que o assustara: a motoca entrou como um raio na rua, aos papoucos, espantando a mornidão e a poeira, e na poeira sumiu, lá longe, no descampado. De antanho só não via os cavalos e os burros de carga cochilando.

A venda aproximava-se, aproximava-se. Descobriu até o descascado da pintura de antanho. Entrou, olhou, olhou, tudo o mesmo. Alguém cochilava ao balcão. Grossura compacta de uma sebosidade só. A cabeça escorada no punho fechado, junto à balança com os dois pratos e o peso em um deles, deixando-a arriada para um lado.

– Vim saber de Maria Cristina.

Depois do ronco repentino que o acordou, o baixote, tal qual o caraolho, olhou para além dele:

– Não tem nenhuma Maria Cristina.

Quis perguntar mas não perguntou se era o caraolho de antanho.

Da porta viu a rua deserta. Do outro lado a velha debruçada à janela, olhando para nada. De banda, dificultoso, desceu a meia calçada; de banda espantou as galinhas e o bacorinho, que grunhiu. Na velha pareceu ver a moça de antanho, que namorava com o cachaceiro de palito na boca, amiga de Maria Cristina.

Escorreu, com o polegar direito, o pinga-pinga do queixo:

– Vim saber de Maria Cristina.

Seria outra. Não seria a do cachaceiro. Ela o olhou, fechando as pálpebras, do muito sol, da muita poeira e da pouca vista.

– Maria de quê? Sei não.

– Eu sou o De Banda. A pancada me deixou de banda.

– Pois sim.

Ela voltou a olhar a rua por olhar.

Lá adiante, o homem sentado na ponta da calçada mondrongosa, mais tijolos que cimento, acariciava o umbigo, camisa lavrada de buracos e aberta ao vento morno, pés gretados e calças arregaçadas até o meio das canelas. Era ver o magrela que assoviava com dois dedos na boca, quando Maria Cristina passava com seus rebolados.

– Vim saber de Maria Cristina. Lembro do assovio.

O meio riso se espalhou nas gengivas murchas, pedaço de capim seco colado no canto do lábio:

– Não posso assoviar.

– Eu sou o De Banda.

– De quem?

Examinou que examinou toda a rua. Ninguém. Vontade de bater porta em porta. Desistiu. Iria direto lá na casa dela, fim da rua. E lá se foi de banda, olhando as casas trancadas. Os pingos apressaram-se na ponta do queixo.

Chegou. Sentou-se, desconsolado, no monte de tijolos

esfarinhados, diante dos escombros. Vinha de antanho a figura dela, rindo à janela, com amigas na calçada, cabelos negros soltos, brincando de enrolá-los com os dedos.

Virou-se para a serra muito longe. Suspirou para tomar o caminho de volta. E veio se arrastando pelo meio da rua, tal como antanho, depois da pancada recebida na cabeça, desferida por desconhecidos na noite sem lua, magotes que o atormentavam, jogavam-lhe pedra e se escondiam, e de longe adoravam Maria Cristina. Dias e dias se passaram, filete descendo da testa, e ele, de banda, ia e vinha bambeando ou escorado às paredes, até que o nomearam De Banda e, às correadas, lhe apontaram o azulado da serra, para nunca mais.

Veio vindo o homem balofo. Pararam. Olharam-se. Indiferente, bochechas moles, mordiscava o talo seco de capim.

– Eu sou o De Banda.

Não encontrou no balofo nada que lhe viesse de antanho.

– Vim saber de Maria Cristina.

– Maria de quê?

A voz dele chegava de antanho, encorpava um corpo gordo e impreciso, que ria com as mãos no ventre quando ele arrastava-se pelas paredes.

– Foi a pancada.

– Onde?

Passou a indicar ao balofo as casas fechadas, nominando pessoas de antanho. Para cada indicação uma negativa só do balofo, que se foi bamboleando sua gordura flácida.

Pegou a estrada serpenteada, ouvindo os papoucos se aproximarem. O jovem da motoca parou.

– Uma carona, meu velho? Senta aí atrás.

Acomodou-se difícil. Lá se foram na ligeireza do vento quente

e das muitas curvas. Na encruzilhada, a motoca parou de papocar.

– Vou pegar o asfalto, meu velho. Para onde o senhor vai?
Apontou na direção da serra.

– O que foi fazer naquela vila morta? Lá não mora mais ninguém.

– Vim só ver Maria Cristina.

O motoqueiro nada ouviu com o ronco do motor. Pegou o asfalto e partiu na disparada.

Ele, de banda, tomou o rumo da serra.

SP, 08.03.99

O Velho Juazeiro

Ela postou-se à janela, mão na boca, aflita, ao ver lá fora o filho mais novo, pouco mais que menino, amarrado pelo pai ao tronco do juazeiro. Na fração de segundos viu o mais velho, desaparecido no mundo depois dos muitos açoites pelos roubos praticados; a do meio, tão bonitinha, sumida nos freges, após tantas e tantas correadas nas pernas, que se avermelhavam como doença brava. De ambos, a recordação do primeiro, tangendo o gado no pasto; da segunda, dando milho cedinho às galinhas.

O velho juazeiro, ali no arrabalde distante, fora o pelourinho escolhido pelo pai para ensinar-lhes os caminhos da vida.

– Não faz isso não, Pedro. Não açoita ele não.

O terceiro, pouco mais que criança, para o juazeiro também fora levado muitas vezes. E ela sentia que aquele tronco rugoso e aquele relho na mão calosa acabariam por deixar-lhe o mundo, tão pequeno, um pouco mais ampliado, que ampliado ia ficando quanto mais vazio ficava.

– Deixa o bichinho, Pedro.

A resposta foram as lambadas silvantes, fivela na ponta, a voz feroz intermediando as bordoadas:

– Volta a cheirar droga, desgraçado, volta. Eu te mato, peste. Eu te como de peia.

Desamarrou o filho do tronco, chutou-o com a ponta do pé, entrou em casa, nu da cintura para cima, suor em bica, marchou

para os fundos e bebeu água do pote, na cozinha escura e sem reboco.

– Eu ensino esse desgraçado a viver.

Ela correu ao pote, molhou o trapo, retornou e refrigerou as costas lanhadas do caçula. Ele soluçava sem parar. Ela, prevenindo o que iria acontecer, e antevendo o seu vazio se ampliar mais ainda, suplicou, passando-lhe as mãos nos cabelos molhados de suor:

– Deixe a gente não, meu filho.

Fortaleza, CE, 20.06.99

O Legista

O legista olhou para o corpo dissecado e ditou para o auxiliar, entre outros dados, que a vítima, do sexo masculino, chegara vestido em camisa de malha, calção e tênis, tinha os seus sessenta anos, meio calvo, bom físico, bons dentes. Uma bala lhe atingira a omoplata esquerda e fora se alojar próximo ao coração. Outra estourou-lhe a aorta, deixando ferida aberta na saída, próximo ao mamilo do peito esquerdo.

Sussurrou baixinho:

– Alguém não gostava de você, hem, meu amigo...

Já abrija outro cadáver naquela manhã e viriam outros. Tirou as luvas, o avental e a máscara, jogou-os ao lado dos objetos cirúrgicos.

Engavetou o morto na geladeira, trancando-a com estrondo.

Dirigiu-se à pia, lavou as mãos, cantarolou:

– *Lábios que eu beijei...*

Mãos que eu afaguei...

Começou a enxugá-las lentamente:

– Me disseram que a mulher dele é um pedaço de pecado. Agora a bonitona que tome conta dele.

A Repercussão

Ponta de bairro distante, casas dispersas, praça muito arborizada. A rua, em direção ao mercadinho, de terra batida. A melhor casa a do morto. Varanda no andar superior, por onde passeava, lixando as unhas, a bela mulher que com ele morava. Ninguém sabia do que viviam. Andavam de táxi, não tinham carro. Ela confessou à polícia que não era casada com ele, apenas moravam juntos. Ele lhe dava todo o conforto. Conhecera-o no banco onde trabalhava. Achou melhor ir morar com ele do que continuar a ganhar um ordenado que mal dava para pagar o quarto que dividia com uma amiga e se vestir. Era do interior, onde tinha pais e irmãos. Comprou tudo. Naquele dia não foi correr com ele de manhãzinha. Estava em casa, meio indisposta, quando se deu o crime. E repetiu no depoimento longo:

– Eu tinha quase certeza de que ele tinha inimigos, porque não me contava nada da sua vida. Não sei do que vivia. Não sei nem se tinha família. Até se irritava quando eu lhe fazia perguntas sobre os parentes dele e sobre seus negócios. A casa acho que é alugada. E quero esquecer tudo isto e voltar para minha terra. Deviam estar atrás dele porque mataram ele justamente no dia em que eu fiquei em casa. Vou embora e levo só o que ele me deu, roupas e algumas jóias.

A vida pacata do bairro e o noticiário constante de muitos crimes na cidade, diariamente noticiados pelos jornais e televisões, levaram este, em poucos dias, ao esquecimento.

O Depoimento

“O depoente falou que não viu o crime e não sabia quem

fez os disparos; que ouvia música cedinho na sala de sua casa quando ouviu passos; que foi até a janela e olhou a praça e não viu ninguém; que a praça tem poucas casas; que a praça tem muitas árvores; que viu depois pessoas se dirigindo para o outro lado dela e que encontraram alguém ferido; que teve curiosidade de ir até lá para saber o que tinha acontecido mas que depois preferiu não ir; que depois viu chegar a polícia e ficou sabendo que tinha acontecido um crime e que conhecia de cumprimento o falecido; que ele morava com uma moça bonita, bem mais nova que ele e que não sabia do que eles viviam; que o morto costumava correr com ela bem cedinho em torno da praça; que bem depois ouviu gritos vindos lá da casa onde morava o morto; que deviam ser da moça que morava com ele; que soube depois que a polícia andou fazendo muitas perguntas aos moradores do bairro e como ele não foi procurado resolveu vir prestar este depoimento; que vivia só no seu canto com uma pequena aposentadoria, apresentando comprovante da mesma; que se aposentou cedo porque foi acidentado no pé esquerdo; que não tinha parentes na cidade, a não ser uns primos do Norte; que tinha vindo de livre e espontânea vontade prestar este depoimento porque acha que foi o único da praça que não foi procurado e que não queria também deixar de dizer o que sabia; que nada mais tinha a apresentar e se o senhor delegado queria ver todos os seus documentos. O senhor delegado disse que não precisava e agradeceu o comparecimento do depoente. Nada mais lhe foi dito e nem perguntado e eu, escrivão, lavrei o presente depoimento, que vai assinado pelo depoente.”

O Encontro

Encontraram-se na mesma pequena casa onde fizeram amor muitas vezes. Arrabalde distante, do outro lado da cidade.

– Demorou, hem. Fiquei aflito. Pensei que não viesse.

– Sempre desconfiado, hem amor.

– Não, querida. Depois do que aconteceu é natural que eu ficasse apreensivo. Está tudo aí?

– Tudo.

– Ponha a sacola em cima da mesa. Vou trancar a porta. Ninguém te viu?

– Parei o táxi longe daqui. Como sempre faço.

– Não foi seguida?

– Estou limpa, querido. A polícia quis saber da minha vida inteira. Estou limpíssima.

– Santo Deus. Tudo isto?

– Não falei que ele guardava muito dinheiro em casa? Veja.

– Onde ele guardava?

– No canto do guarda-roupa. Já te disse.

– Quanto tem aí?

– Uns três milhões. Tudo em dólar.

– Você é tremenda, querida. Nunca vi tanto dinheiro.

– Agora vamos desaparecer da cidade. Não agüento mais.

– Está louca? Agüenta, sim. Vamos continuar frios. Você no palacete, preparando-se para ir embora, na maior calma, embromando, e eu no meu canto. Por mais uns dias ou um mês.

– Tudo isso? E se aparecer o dono da casa ou a polícia me tirar de lá? Já vasculharam tudo, até o que existia dentro da geladeira.

– Você não falou que está limpa? Peça uns dias, chore, faça

um pequeno escândalo, você tem direito. Não morava com ele? Eu soube que não apareceu ninguém no enterro, você pagou tudo do seu bolso. Fica na casa numa boa. O cara deve ser um bandidão. Estão atrás do fio da meada. Fica na tua.

– Estou louca para cair fora.

– Eu também. Ando tenso. Sinto até dor no pé do acidente que sofri na fábrica.

– Eu gosto de brincar com a cicatriz do teu pé.

– Não é hora de brincadeira. Quando você me contou da vida esquisita dele e de todo o dinheirão que possuía em casa, logo vi que era um malandrão. Devia ser um dos chefões do mundo da droga. Outra coisa.

– O que é?

– Volta a correr. Volta aos teus exercícios.

– Para quê?

– Ora pra quê. É importante.

– Já?

– O que tem?

– Não fica mal, depois da morte dele?

– Ele já foi para o céu ou para o inferno vai fazer um mês. Todo o bairro esqueceu. É até bom. Todo mundo vai ver que você não está com medo de nada. Está limpa. Volta a correr de manhãzinha. Não foi com aquele piscar de olho, quando te vi correndo com ele, que você sorriu para mim?

– Às vezes me arrependo do que fiz e do que combinamos para você fazer. Me arrependo até de ter me apaixonado por você.

– Deixa pra lá, querida. Acabou. A nossa felicidade está aí nessa sacola. Não é dinheiro roubado. Isso é dinheiro sujo. Não estamos tirando de quem sou para ganhar. E o sacana merecia morrer.

– A gente podia ter tirado o dinheiro sem matar ele.

– A culpa caía em cima de quem? Ele não ia descobrir? Você quem entrava pelo cano. E o sacana merecia morrer mesmo. Mais dia, menos dia, davam cabo dele. Eles não vivem se matando? É uma máfia do cão, querida. Volta a correr, numa boa, mesmo horário, mesmo percurso, como se não tivesse acontecido nada. Vai por mim, sei o que estou dizendo. Temos que demonstrar que a vida continua e não devemos nada a ninguém. Eu até depus na polícia.

– O quê?

– Estive na polícia, sim. Conteí o que sabia. E eu não sabia de nada, claro.

– Mas para quê?

– Ora para quê. Não fui procurado, mas toda a gente do bairro foi. Então eu fui lá. Falei que vi gente correndo na rua e que conhecia o morto e você só de vista, essas coisas. Um depoimento besta. Mas um gesto muito importante. Não me procuraram e nem me chamaram. Fui lá.

– Você pensa em tudo.

– Não sou burro, querida. Te apertaram muito?

– Se apertaram? Um horror. Conteí tim-tim por tim-tim toda a minha vida. A pura verdade. Fácil de ser comprovada. E provei que estava em casa, indisposta, no dia em que a coisa aconteceu.

– Pois então calma, muita calma.

– Uma coisa, amor: como você fez para ninguém ouvir os tiros?

– Usei silenciador?

– Usou o quê?

– Deixa para lá. Já passou. Esquece.

- E o dinheiro, você vai guardar onde?
- Não se preocupe. Tenho um lugar seguro para ele. Ninguém te viu saindo com a sacola? Ela é grande. Pesada.
- Também não sou tola. Cobri ela com roupas que levei ao tintureiro. Juntei até cortina. O rapaz da tinturaria me ajudou.
- Tudo bem, tudo bem. Volte para casa e leve vida normal. Volte ao cooper como antes. Vamos ter outro encontro aqui. Lhe comunico pelo orelhão. A mesma senha.
- Será que meu telefone está grampeado?
- Capaz. Querem identificar o sujeito. Você recebeu telefonemas?
- Alguns. Mas quando faço perguntas desligam.
- É isso aí. Vá, vá. Eu fico na minha. Vai dar tudo certo. Já deu. Confie em mim, como eu confio em você.
- Estou louca para ir para longe com você.
- Estamos quase chegando lá. Um beijo.
- Não vamos pra cama?
- Não, não. Temos lá condições para isso. Vamos ter tempo de sobra.
- Mal posso esperar. Mais um beijo.
- Pronto. Vá com Deus.

O Legista

O legista olhou para o corpo da mulher bonita sobre a laje, já examinada, balançou a cabeça ao auxiliar:

- Como é que se mata um mulherão desse? Mundo cão.

Passou mais uma vez a vista pela roupa dela, ainda úmida de suor, a calcinha preta, tênis, e ditou que a bala lhe atravessou a omoplata esquerda, que ficou pendurada na saída, pouco abai-

xo do seio. A segunda atingiu-lhe a nuca, atravessou o cerebelo e foi se alojar no céu da boca. A terceira acompanhou aproximadamente o trajeto da anterior, atravessou o cérebro e perfurou o osso frontal. A morte se deu entre cinco e seis horas da manhã. Detalhou várias informações técnicas, ditando-as e repetindo-as ao auxiliar. Depois livrou-se das luvas, da máscara, do avental. Foi até a pia, lavou as mãos, suspirou, olhando para o outro corpo que o esperava.

Cantarolou a mesma canção:

– *Lábios que eu beijei...*

Mãos que eu afaguei...

Bocejou, voltou a respirar fundo. Com a ajuda do auxiliar, empurrou a vítima para a geladeira:

– Agora a família que tome conta dela.

Comentou:

– Matar uma moçona bonita assim... Mundo louco.

A Repercussão

Surpresa geral, que pouco durou, e repercussão quase nenhuma. Isolada como se viu depois da morte dele, sozinha na bela casa, passou a ser olhada pelos vizinhos com muita desconfiança. E quando ela retornou aos exercícios matinais, a certeza de todos foi praticamente unânime: ela integrava uma grande quadrilha, deveria ter sido mantida presa. Agora, com a morte dela, semelhante à morte dele, a polícia teria muito trabalho para encontrar o fio da meada. Talvez não encontrasse nunca, com esse trabalhinho miúdo e idiota de inquirir os vizinhos, como à procura de assaltantes de meia tigela. A coisa voava muito mais alto. A morte dos dois dizia tudo: passaram uma borracha de vez.

Agora o bairro retornaria à sua vida normal. Uma única vez, meses atrás, houve um pequeno furto no mercadinho. Dois menores, logo identificados, lá de uma favela distante. O caixa do mercadinho, externando a opinião geral, comentou ao aposentado que morava sozinho:

– A morte dos dois é prova definitiva de que é gente graúda, lá de cima, metida em coisa grossa. Difícil de pegar. Apagaram os dois, não foi? Então.

O aposentado, que morava sozinho, e já contara ao caixa que se aposentara devido a um acidente no pé, balançou a cabeça:

– Que coisa.

O Depoimento:

“O depoente relatou que, como da vez anterior que veio depor, nada vira do acontecido com a pobre moça; que novamente se dispôs a comparecer porque novamente não foi procurado; que soube, como da outra vez, que a polícia andou percorrendo a vizinhança e que fazia questão de dizer o que sabia, mas que não sabia nada; que vivia no seu lugar, da sua pequena aposentadoria, que não ouviu tiros, e como aconteceu quando na morte do outro ouviu correria na rua cedinho; que viu gente chegando e olhando o corpo caído no chão, perto da árvore; que não teve coragem de ir lá para ver também; que ficou até com muito medo do que estava se passando no bairro e pensava em se mudar; que achava uma monstruosidade esses crimes bárbaros; que no seu entender devia ser uma coisa de gente metida com droga; que um seu amigo não sabia mais o que fazer porque o filho de dezoito anos só vivia drogado; que a sua casa pe-

quena, uma sala, um quarto e uma pequena cozinha e banheiro, estava aberta para ser examinada, como toda a sua vida também; que se aposentou cedo porque quase perde um pé no trabalho da fábrica; que pensava mesmo em ir para o Norte, onde tem alguns parentes; que a vida aqui estava um inferno; que fazia questão de deixar o xerox dos seus documentos, mas o senhor delegado falou que não precisava; que não havia nada contra ele; que agradecia a sua presença para vir depor; que se todos fizessem assim os inquéritos correriam bem mais depressa. Nada mais lhe foi dito e nem perguntado e eu, escrivão, lavrei o presente depoimento, que vai assinado pelo depoente.”

Na calçada, manhã clara, avenida arborizada, carros passando, o depoente respirou, leve como os pardais que voaram da árvore próxima, e saiu rua a fora assoviando baixinho.

Janela Iluminada

Ele chegou à esquina e parou. Encostou-se na velha árvore, acamada de folhas secas. E o vento com pingos de chuva. Viu-a aparecer na saída do prédio em frente e acompanhou-a, como a acompanhara sempre, do outro lado da avenida. Os carros em velocidade para lá e para cá. O pescoço encolhia-se e alongava-se para não perdê-la de vista.

Assim, uma, duas, três, meia dúzia de quadras. Até vê-la entrar, esbelta e faceira, bolsa pendurada no ombro, no escritório muito movimentado.

Voltou para casa, mesmo palmilhar pelos mesmos quarteirões, mesmos cumprimentos à meia dúzia de conhecidos.

À noite, voltou a demorar-se olhando para a janela iluminada, entre outras, no edifício muito alto. Sabia bem que aquela, entre as outras tantas janelas, era a dela.

O sono veio chegando, depois que a luz da janela se apagou. Preparou-se para dormir.

No dia seguinte teria de deixá-la novamente no trabalho.

Fortaleza, CE, 11.05.01.

A Vingança

*E*le andava lentamente à minha frente. Aproximei-me. Emparelhamo-nos. Sorri:

– Bom dia.

– Bom dia.

O bom dia dele foi de susto e curiosidade. Voltei a sorrir:

– O senhor não me conhece. Mas devo conhecê-lo.

– De onde?

– Depois lhe digo.

Chuvinha miúda e nós dois sem guarda-chuva. Poucas pessoas passavam. A igreja ali em frente, a banca de jornais e revistas tapando-lhe um pouco a visão da fachada. Meu desprezo por aquele homem ampliava-se:

– Vai comprar jornais ou vai rezar?

– Vou rezar.

– Acompanho.

– Mas quem é você? Não estou reconhecendo.

Os olhos dele eram apertados, como de míope, mas não usava óculos. A calvície luzidia, onde rebrilhavam pingos de chuva.

– Não importa agora. Não vai rezar? Eu o acompanho. Rezar é bom. Alivia. Não é mesmo?

Olhava-me com rapidez. Apressou o passo. Apresssei o meu. E emparelhados chegamos à igreja. Dei-lhe passagem, que a porta era estreita:

– Faça o favor.

Ele se ajoelhou próximo ao altar, olhos meio fechados fitos na cruz enorme, a cabeça de Cristo bambeada para a esquerda. Procurava afastar-se de mim, visivelmente incomodado, e eu pregado nele. As suas mãos, cruzadas, tremiam, e os lábios caídos balbuciavam palavras em direção à cruz.

A raiva não me cessou. Cresceu. Não me contive, cochichei-lhe ao ouvido:

– Você me paga, canalha. Vai ver.

Pela primeira vez abriu desmesuradamente os olhos, pestanejando muito, e eu me fui, o eco dos meus passos reboando na nave quase deserta, duas ou três cabeças dispersas e contritas.

Na rua, sol nos olhos, que a chuva se fôra, desorientei-me um pouco. Depois, suando muito, andei de cá para lá, de lá para cá, concentrando-me, inutilmente, para descobrir quem seria aquele homem, a fim de vingar-me dele.

Desalentado, voltei para casa.

Fortaleza, CE, 15.02.02.

Oração a Mim Mesmo

Primeiro mistério – *Encosto-me à janela do casarão da fazenda e deito os olhos lá longe. O Pau Caído se estende além do açude. A mornidão do calor, amainado aqui pelo farfalhar lento da tamarineira ao lado, tremula, reverbera, borrifando impressionisticamente a paisagem. O serpenteio verde requebra-se com o colear do pequeno rio, acompanhando-o desde o mais antigo antanho; o espelhar das águas em esconde-esconde com os raios do sol; os pássaros, nas copas bem copadas, que se vão e que se vêem.*

E eu me vejo aqui, só aqui, que o passado é o passado, o presente uma abstração, e o futuro se encurta e se encolhe, que pouco para mim será.

Segundo mistério – *À cabeceira desta mesa cercada de cadeiras silentes de encostos altos, deixo que os olhos vagueiem no trecho de cidade lá fora, carros deslizando no asfalto, lancetear de alucinações, espraiando-se e subindo aos céus dentro do tempo que avança. Do borralho do passado emerge o berço da infância entre ruas sonolentas, da Fortaleza dormitante e cochilante, no colchão quadriculado do areal que a cercava, pontilhado de casebres derreados, o mar quebrando mais distante.*

E eu me vejo aqui, só aqui, que o passado é o passado, o presente uma abstração, e o futuro se encurta e se encolhe, que pouco para mim será.

Terceiro mistério – *Mergulhado na metrópole louca e alucinada, paulistana nominada, poluída de febres fabris, chuva, calor, frio e garoa, desterrado dos meus pagos, tentei crescer e me encolhi, busquei ser grande e me apequenei, rabiscando e rabiscando, muitas folhas indo ao cesto, duvidosas outras indo ao público.*

Encontro-me à margem do açude, encontro-me na praça arenosa da infância, encontro-me no sarcófago da cidade enorme e desvairada.

Vejo-me aqui agora, só aqui, parado e sem palavras, que o passado é o passado, o presente uma abstração, e o futuro se encurta, que pouco para mim será.

Contrição – *Agradeço e penitencio-me diante do velho tempo, do tripé que me acolheu: o primeiro deu-me visgo; o segundo aguilhoou-me e sacralizou-me ao chão da infância; o terceiro palmilhou-me o caminho de sustos inesperados.*

Contrito chego ao presente, tridimensionado e não dividido, fazendo o que penso que sei ou que nunca saberei, que as palavras me atropelam e as idéias não me acodem, e quem sabe nunca me acudiram, na fragilidade dos rabiscos.

Apesar e apesar, em pertinácia doída, vou rezando tempo em fora,

*em Cantiga de Ninar
em tempo de Temporal
em conhecer quem é Ele
em uivar de Lobisomem
em esperar A Espera
em seguir a Caminhada*

*em libertar-me das Cinzas
em contemplar O Orador
em tudo passar A Esponja
em afligir-me com O Ladrilheiro
em permanecer nesta Dúvida
em cisma com O Olhar
em Companhia de Viagem
em perfeita Contrição
em porte de Realeza
em ventanias de Antanho
em contemplar O Velho Juazeiro
em ouvir o Depoente
em olhar a Janela Iluminada
em ódio de Vingança,*

e nada mais contar, e nada mais ouvir, e nada mais dizer, e nada mais sonhar, e nada mais pensar.

Refrão – *Não espere o fim da caminhada, que o seu tripé se plantou fundo à espera de outras dádivas que você há de nos dar. O tempo já passou muito ao longo da sua vida, mas sempre há uma luz no túnel para o tempo à sua frente.*

Monólogo do fundo d'alma – *Poderá ser que sim, poderá ser que não. O futuro tão encurtado terá o que dizer ou não dirá mais nada.*

O eco ao longe – *Amém.*

Fortaleza, CE, 17.06.99, às 22 h.



Dados biográficos

Caio Porfírio (de Castro) Carneiro nasceu a 1º de julho de 1928, em Fortaleza, Ceará. Dedicou-se muito moço ao jornalismo, na terra natal. Bacharelou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza. Transferiu-se para São Paulo em 1955. Trabalhou, de início, na imobiliária de um irmão e foi redator de programas da Rádio Piratininga. Durante anos foi encarregado do setor do interior da Editora Clube do Livro Ltda. E desde 1963 é secretário administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN CLUBE de São Paulo, da Academia Paulistana da História, da Academia de Letras do Brasil (Brasília), da Unión Cultural Americana (Buenos Aires) e sócio correspondente da Academia Cearense de Letras. Colabora nos principais suplementos do País, com ficção e crítica literária. Assinou a apresentação de dezenas de obras, dos mais diversos gêneros. Alguns dos seus livros alcançaram várias edições. O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano e árabe e adaptado em roteiro técnico para o cinema. Contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, alemão e inglês. Ganhou vários prêmios literários e pronunciou dezenas de palestras e conferências na capital e interior paulista e em outros Estados. Estudo detalhado sobre o *Sal da Terra*, por Danielle Damiens, para *Trabalho de Estudo e Pesquisa* (Maitrisse LLCC, Universidade Stendhal, Bologne, France), em língua portuguesa.

Obras publicadas

- *Trapiá* (contos), Ed. Francisco Alves, Rio, 1961. Mais duas edições posteriores: Coleção Saraiva, São Paulo; Editora Cátedra, Rio de Janeiro. O conto *O Padrinho* foi traduzido para o alemão e o *Come-gato* adaptado para a televisão.
- *Bala de Rifle* (novela policial), em capítulos no jornal *Última Hora*, SP, 1963. Não levada ao livro.
- *O Sal da Terra* (romance), Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1965. Mais duas edições pela Editora Ática, São Paulo. Traduzido para o italiano e árabe. Adaptado em roteiro técnico para o cinema.
- *O Meninos e o Agreste* (contos), Ed. Quatro Artes, SP, 1969; 2ª edição pela mesma editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Menção Honrosa do Prêmio Governador do Estado de São Paulo.
- *Uma Luz no Sertão* (romance-reportagem), Editora Clube do Livro, SP, 1973.
- *O Casarão* (contos), Ed. do Escritor, SP, 1975. Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, S. Paulo. Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo.
- *Chuva – Os dez cavaleiros* (contos), Ed. Hucitec, SP, 1977.
- *O Contra-Espelho* (contos), Traço Editora, SP, 1981.
- *10 Contos Escolhidos*, Coleção 10 Contos – Ed. Horizonte, Brasília, 1983, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.
- *Viagem sem Volta* (contos), Ed. Seiva, SP, 1985.
- *Quando o Sertão Virou Mar...* (Lit. Juvenil), Cia. Ed. Nacional, SP, 1986.
- *A Oportunidade* (novela), Ed. Mercado Aberto, P. Alegre, 1986.
- *Profissão: Esperança* (Lit. Juvenil), Ed. do Brasil, SP, 1986.
- *Da terra para o mar, do mar para a terra* (Lit. Juvenil), Ed. FTD, SP, 1987. Várias edições.
- *Três Caminhos* (novela), Ed. FTD, SP, 1988. Várias edições.
- *Dias sem Sol* (novela), Ed. Illa Palma – S. Paulo/Palermo, Itália, 1988.
- *Rastro Impreciso* (poesias), Ed. Scortecci, SP, 1988.
- *Os Dedos e os Dados* (contos), Ed. Pontes, Campinas, S. Paulo, 1989.
- *Primeira Peregrinação* (reminiscências), Ed. Scortecci, SP, 1994.
- *A Partida e a Chegada* (contos e narrativas), Ed. Toda Prosa, SP, 1995.
- *Cajueiro sem Sombra* (Lit. juvenil), Ed. Saraiva, SP, 1997. Várias edições.
- *Mesa de Bar (quase diário)*, Ed. Toda Prosa, SP, 1997.
- *Contagem Progressiva* (memórias), Universidade Federal do Ceará, 1998.
- *Perfis de Memoráveis (autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio)*, RG Editores, SP, 2002.
- *Uma Nova Esperança* (de parceria com Maria José Viana e Paulo Veiga)(Lit. Juvenil), Editora Nativa, SP, 2002.

Índice

11	Cantiga de Ninar
15	Temporal
17	Ele
19	Lobisomem
21	A Espera
25	Caminhada
27	Cinzas
33	O Orador
35	A Esponja
45	O Ladrilheiro
47	A Dúvida
53	O Olhar
55	Companhia de Viagem
61	Contrição
63	Realeza
69	Antanho
73	O Velho Juazeiro
75	O Depoente
85	Janela Iluminada
87	A Vingança
89	Oração a Mim Mesmo
93	Dados biográficos
94	Obras publicadas

Maiores e Menores
composto em *Times New Roman* pelo Fabricando Idéias
para Alpharrabio Edições
e impresso por Bartira Gráfica e Editora S/A
em papel Pólen soft 80 g/m²
em julho de 2003